



Foto: Ricardo Sultucker/divulgação

Políticas

“Está chegando ao fim a era do ódio e da insanidade”, sentencia Lula

Ex-presidente concede entrevista exclusiva ao Jornal A União e alerta para o perigo do crescimento de correntes de inspiração fascista no Brasil e do “ódio de uma extrema-direita que não preza a saúde”, mas afirma que não abre mão da esperança. **Páginas 13 e 14**



Foto: Agência Estado

Há 70 anos, o Maracanã era inaugurado com a derrota do Brasil para o Uruguai na Copa de 1950

“Maracanazo”: relembre o 2 a 1 que entrou para a história do futebol brasileiro e como o Jornal A União repercutiu a final do campeonato na Paraíba. **Página 12**

Marco da proteção à infância no Brasil completa 30 anos

Estatuto da Criança e do Adolescente é referência para entidades assistenciais, mas enfrenta ameaça de correntes conservadoras. **Página 5**

Entrevista



Foto: Edson Malos

Euler Chaves Comandante-geral da PM fala sobre a nova missão frente o CNCG. **Página 4**

Paraíba



Foto: Teresa Duarte

Umbuzeiro, berço de grandes paraibanos

Terra de João Pessoa, Epitácio Pessoa e Assis Chateaubriand, entre outros, se destaca pelo turismo e pelo meio agropecuário. **Página 8**



Geral

História: o café colocou Bananeiras no mapa

Apesar de ter sua trajetória atrelada à cana-de-açúcar, grão tem um capítulo importante no desenvolvimento econômico do município paraibano. **Página 3**

Diversidade



Foto: Marcus Antonius

Falésias sofrem o impacto da natureza e do homem

Frágeis, esses imensos “paredões” têm se degradado pela ação humana; na barreira do Cabo Branco, obras tentam conter a erosão. **Páginas 17 e 18**

“Agressões veladas doem mais”, afirma psicóloga

Gritos, humilhações e ataques à autoestima da parceira ou do parceiro são sinais que indicam relacionamentos abusivos tanto quanto a violência física. **Página 19**

Almanaque

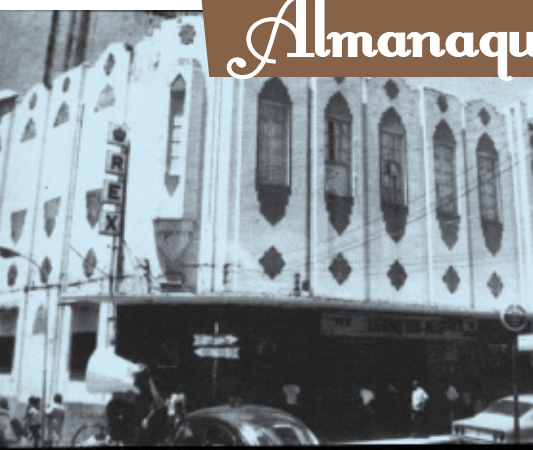


Foto: Divulgação

Cinema A trajetória do dinamarquês Einar Svendsen, que abriu as primeiras salas de cinema em JP. **Página 21**

Doar é Salvar

doe sangue
doe plasma

Agende sua doação no whatsapp do Hemocentro (83) 3133-3465 De segunda à sexta-feira das 8h às 16h

EMPRESA PARAIBANA DE COMUNICAÇÃO

Editorial

Cinesia

As cenas do filme exibido, nos últimos dias, na tela da cidade de João Pessoa revelam que a 'reabertura', concernente ao enclausuramento social, determinado pela pandemia de coronavírus, de fato, já começou. As aglomerações aumentaram em quase toda a capital, assim como cresceu o número de pessoas que saem às ruas sem máscaras de proteção.

A expectativa é que, a partir desta semana, motivadas, inclusive, pela novidade da dilatação das restrições impostas pelo poder público, mais pessoas sairão de suas casas e apartamentos, para reaquecer e colocar em marcha de velocidade os motores da engrenagem social. 'O dinheiro precisa voltar a circular', a frase que o empresariado repete sem parar define a lógica do tempo.

Ocorre que, se o isolamento social está indo embora, levando com ele alegrias e tédios, máscaras e álcool gel, o coronavírus não foi. Muito pelo contrário, o vírus continua bem vivo, circulando pela cidade, e todo cuidado ainda é pouco. Boa política é continuar se protegendo, até que o perigo de contaminação diminua o máximo possível ou que se produza a esperada vacina.

O poder público, inclusive, bem que poderia aproveitar a pandemia para estabelecer novas regras sociais, destinadas, por exemplo, a diminuir o impacto da ação humana sobre o meio ambiente e tornar menos sufocante o movimento de pessoas e automóveis na cidade. Faz tempo que a população das cidades brasileiras vem sofrendo com os engarrafamentos no trânsito.

O início e o encerramento das aulas nas escolas e universidades e de algumas atividades comerciais poderiam ser alterados, evitando assim os chamados 'horários de pico', cujos transtornos todos conhecem. Certos espetáculos, que antes reuniam multidões, também podem ser reprogramados, de maneira a não demandar tanta energia dos órgãos de saúde e segurança.

Ao que parece, não haverá retorno a uma velha realidade nem acomodação a uma normalidade nova. As circunstâncias é que devem moldar os comportamentos individuais e coletivos. Portanto, a adequação não será homogênea. Importa sim, neste momento, não descuidar das normas sanitárias, para que a pandemia não recrudesça, impondo um retrocesso.

Artigo

Martinho Moreira Franco
martinhomoreirafranco46@gmail.com

Devagar, ele foi ao longe

Iveraldo Lucena foi meu professor de História Geral, no Liceu Paraibano. Não oferecia a menor pista de que, aposentado do serviço público, se tornaria andarilho. Ser andarilho não significa necessariamente ter aptidões de atleta, é bom que se ressalve. Na verdade, trata-se de amante de caminhadas longas, sim, mas desprovidas do objetivo de alcançar marcas ou títulos, ao contrário daqueles que disputam competições esportivas. O andarilho é amante da natureza ou, em outro plano, praticante da fé religiosa. Só que o caminhante precisa ter fôlego, preparo físico para percorrer distâncias não raro quilométricas. O professor Iveraldo não parecia ajustar-se a esse figurino. Tinha passadas lentas, um andar vagaroso, quase de remanso. Imperturbável, aparentava deslizar pelos corredores do colégio, arrastando os pés como se lhe faltasse o sopro. Nem deveria ser cansaço. Seguia mesmo era sem pressa de ser feliz.

As aulas dele possuíam clima de serenidade, apesar de o protagonista conceder irresistíveis tiradas de bom-humor, sublinhando com sotaques de ironia a narrativa de acontecimentos históricos. Não fazia o tipo eloquente. Era exímio, porém, em valorizar o relato de episódios ou a apresentação de personagens da antiguidade. Em alguns momentos, sugeria vivenciar situações descritas em trechos do livro adotado em classe (se não me falha a memória, de Armando Souto Maior). Lia parágrafos mais interessantes com a convicção de testemunha ocular dos fatos. A gente se via cara a cara com heróis e vilões assinalados.

Iveraldo Lucena fazia parte de uma elite de professores que marcou época no Liceu Paraibano. Há anotações sobre personalidades talvez mais emblemáticas na trajetória do Estadual, mestres ilustres das letras, das ciências e das artes. Na minha fase de aluno, entretanto, pouco ficava-se a dever aos tempos dos luminares. Sei que caí no erro comum a citações, omitindo nomes que não poderiam faltar neste registro, mas como deixar de mencionar o grande, imenso José Maria Barbosa (Português), a carismática Maury Vasconcelos (Francês), a icônica Daura Santiago Rangel (Matemática), o imprevisível desembargador Aurélio de Albuquerque (Geografia) a magistral Carmem Isabel (História), a belíssima Maria das Neves (desenho), o plácido Augusto Simões (Música) e o notável professor Videres (Biologia). Além do irreverente Pedro Santos (Educação Artística) e do versátil Geraldo Medeiros (Sociologia), entre tantos outros. Sem contar, por fim, os universitários que cintilavam em estrelato de tão intenso brilho: Antônio Pedro (Biologia), Francisco Chagas (Matemática) e, digno de menção honrosa, Carlos Pereira de Carvalho e Silva, o melhor lecionador de Física que já passou pelo colégio. Iveraldo firmou sua marca nesse seleto grupo de educadores. Ascendeu a cargos de relevo na administração estadual, na prefeitura de João Pessoa e também no Governo Federal, inclusive em Brasília. Até pendurar as chuteiras do magistério e da gestão pública e calçar as sandálias de andarilho. Hoje é caminhante nas nuvens.

/// A gente se via cara a cara com heróis e vilões assinalados. ///

Artigo

Sitônio Pinto
sitoniopinto@gmail.com | Colaborador

Mesinha

O Brasil trata com desprezo e descrédito o potencial guardado nas suas ervas medicinais. Quando se fala nesse assunto vem à lembrança das pessoas a imensidão da floresta amazônica, guardiã de poderosas substâncias nas suas copas, cernes, cascas, folhas frutos e raízes, capazes de curar até a incuria da autoridade.

Quando será que a autoridade nacional vai estender a competência da Embrapa até os igarapés do inferno verde? Quer dizer que se não der pra mim, pode dar para Vossa Mercê. Nosso potencial vai mais além: Vossa Mercê sabia que a caatinga nordestina oferece um herbário maior que o da hiléia amazônica? Se duvida, pergunte ao Doutor Zezo Suassuna, da Embrapa do Recife, filho do sábio Marcos Suassuna, irmão da escritora Deb Suassuna.

Ou então vá até a feira livre mais próxima e converse com o raizeiro. Ele sabe de coisas que os doutores ignoram. Daqui a trinta e poucos anos, vão pesquisar e quicá saberão. Enquanto isso, o povo passa bem, pois curou o popular câncer com graviola, babosa, caroço de abacate. Graviola já estão industrializando.

A quem procurou essências e não encontrou, sugiro que plante algumas: a babosa pode ser plantada numa caqueira dentro de casa, o abacate requer mais espaço e tempo. Pode ser no quintal ou no jardim. A de manejo mais fácil é a babosa. A canabis agora está legalizada. Essa foi anunciada como remédio para o mal de Parkinson, mas eu não recomendo a ninguém, pois joguei meu dinheiro fora. No entanto, a dita erva tem mercado. Você já pensou numa área como a hiléia toda coberta de leirões da canabis? E

o semi-árido? Esse é que têm mesinhas, apuradas pelo solo e pelo clima. Se bem exploradas, as duas citadas áreas dariam para abastecer toda a Via-Láctea. Isso não é propaganda (deixe o ramo), é a realidade. Não confunda "canabis" com "canibais". Uma coisa nada tem a ver com a outra. A canabis, na apresentação de xarope (muito cara) foi a que tomei. Os três frascos de nada adiantaram. Dizem que ela é boa para epilepsia, o que não é o meu caso.

Mas considero uma grande vitória o emprego de um fitoterápico no lugar de um fármaco industrial. Quando meu pai era menino, meu avô curou uma impingem dele com limão e pólvora. Até hoje o incômodo não voltou. Papai disse que ardeu, ele chorou, vovô tocou seu fole, passou ("acabou chorare"). Pólvora serve para muita coisa, tem aplicações mis. Basta dizer que a base é enxofre. Curou uma infestação de sarna incurável (coruba) na Casa do Estudante -

narrava o grande médico pediatra Paulo Soares. A fórmula era de um barbeiro da Areia: enxofre mais o perfume Royal Briard, muito usado na zona de João Pessoa, digo Maciel Pinheiro.

Esse foi um grande abolicionista, juntamente com Silva Jardim. Merecem destaque.

Taí: Vosmecê reclamou porque eu não usava o nome moderno dessa velha cidade... uma invenção da minha saudosa mestra Adamantina Neves e do Pudre Zé Coutinho (agora na espera da muita merecida beatificação). Reproduza quantas vezes queira, e pode crescer dos apelidos, dados por seus familiares. Consulte a tradição oral.

/// A babosa pode ser plantada numa caqueira dentro de casa, o abacate requer mais espaço e tempo. ///

Domingos Sávio
savio_tel@hotmail.com

Humor



SECRETARIA DE ESTADO DA COMUNICAÇÃO INSTITUCIONAL

EMPRESA PARAIBANA DE COMUNICAÇÃO S.A.

Naná Garcez de Castro Dória
DIRETORA PRESIDENTE

William Costa
DIRETOR DE MÍDIA IMPRESSA

Albige Léa Fernandes
DIRETORA DE RÁDIO E TV



A UNIÃO
Uma publicação da EPC

BR-101 Km 3 - CEP 58.082-010 Distrito Industrial - João Pessoa/PB

André Cananéa
GERENTE EXECUTIVO DE MÍDIA IMPRESSA

Renata Ferreira
GERENTE OPERACIONAL DE REPORTAGEM

PABX: (083) 3218-6500 / ASSINATURA-CIRCULAÇÃO: 3218-6518 /
Comercial: 3218-6544 / 3218-6526 / REDAÇÃO: 3218-6539 / 3218-6509

E-mail: circulacao@epc.pb.gov.br (Assinaturas)

ASSINATURAS: Anual R\$200,00 / Semestral R\$100,00 / Número Atrasado R\$3,00

CONTATO: redacao@epc.pb.gov.br

OUVIDORIA:
99143-6762

Fica proibida a reprodução, total ou parcial, de matérias, figuras e fotos autorais deste jornal, sem prévia e expressa autorização da direção e do autor. Exceto para impressão de cópias, com o fiel e real conteúdo, para uso e arquivo pessoal.

O café que brotou no Brejo

Grão colocou Bananeiras entre os maiores produtores do país

Dina Melo
dinapereirademelo@gmail.com

Charmosa, de clima ameno e dona de um patrimônio artístico e cultural invejável, Bananeiras, no Brejo paraibano, tem a sua história atrelada à cana-de-açúcar – base de iguarias famosas da gastronomia regional, em especial da confeitaria local, como a cartola, os doces à base de rapadura, além da cachaça. O açúcar, desde sempre, fez parte da construção da identidade local, que alçou a cidade ao potencial turístico de hoje. Porém, há uma fase econômica menos duradoura, mas que também trouxe notório progresso e excelência nacional: o café.

As primeiras sementes foram trazidas favorecidas pelo clima e altitude. “O responsável foi um gaúcho, Tomé Barbosa da Silva. Na fase inicial, a safra era de 18 toneladas

Foto: Reprodução



Comendador Felinto Florentino

ao ano. O açúcar ainda predominava, com 975 toneladas de produção, mas devido ao maior valor de mercado do café, a cana foi perdendo espaço”, explica o pesquisador Djailson Clementino da Costa. Ironicamente, mesmo no auge, toda a safra era escoada no lombo de animais, pois as famosas estações de trem – desenhadas para a logística do grão –, só chegaram em 1922, quando a lavoura entrava em declínio. “O transporte era por burros e carroças mesmo, até as sacas chegarem ao porto mais próximo ou a alguma cidade litorânea abastecida por linhas férreas”, explica o historiador Edvaldo Lira. Fazer o café cruzar outros estados era um ato heroico.

De 1840 até 1925, Bananeiras já era o maior centro produtor do grão na Paraíba, que chegou a rivalizar em qualidade e aceitação com São Paulo. Dados da época apontam que, em 1852, abastecia-se um milhão de sacas ao ano, projetando-a entre as dez maiores cidades produtoras no país. O ouro negro criou um episódio original de ascensão econômica: tanta riqueza fundou uma aristocracia cafeeira, que importou padrões de vida europeus e construiu belos casarões em estilo neoclássico, barroco e art-déco presentes na arquitetura urbana. A euforia chegou até ao hino da cidade, composto por Dionísio Maia (“Salve! Filhos do amor e da fé! Mensageiros da paz e do bem! Sobre a terra feliz do café/ Que se orgulha de ternos também”).

Cafeicultores se lançaram na política, coroando o envolvimento da elite agrária na administração pública, como os Guedes Pereira e os

Rocha, linhagem do Barão de Araruna, cujo um dos herdeiros, o Comendador Felinto Florentino da Rocha, deixou 90 propriedades entre a Paraíba e Rio Grande do Norte quando morreu. “Todo o casario de Bananeiras veio da civilização do café. A cultura, que se expandiu por Borborema, Areia e Serraria, ganhou um salto na cidade. O café era cultivado numa região de sombra – razão pela qual a sua qualidade era tão distinta”, relata o jornalista, escritor e ex-deputado Ramalho Leite, autor de alguns artigos para A União sobre o tema.

O fim de uma era

A praga do bicudo, que se alastrou por toda a lavoura a partir de 1922, arrasando-a completamente em três anos, encerrou o capítulo do café na história de Bananeiras. “A Fazenda Gamelas foi o foco do fungo, que logo se espalhou. Algumas tentativas de recuperação foram feitas por técnicos agrônomos, sem sucesso”, anota Costa. “Há uma lenda de que foram os próprios sulistas que envenenaram a lavoura de Bananeiras para acabar com a concorrência, mas nada comprovado”, ri Leite.

Era o fim de uma era. Depois da crise de 1925, a cana retoma seu espaço na vocação agrícola natural da região. “Tanto a cana-de-açúcar quanto o café, geradores de riquezas imensas, permitiram uma alta concentração de renda por um lado e um grande número de camponeses na miséria por outro – um típico exemplo do que seria seguido por outras atividades econômicas nas cidades e províncias brasileiras”, analisa Lira.



Lá vem o trem...

Bananeiras foi uma das cidades da Paraíba a ter uma estação ferroviária, pensada para escoar o café. Até então, havia apenas estradas de barro, que inundavam nas épocas chuvosas. O desafio era fazer o trem passar por um túnel construído por dentro de uma rocha. O caminho, de 202 metros de comprimento, perfurou a Serra da Viração, possibilitando a passagem da locomotiva até a estação. Em 1925, aconteceu a entrega oficial pelo presidente da província, Sólton de Lucena (natural de lá), juntamente com o trecho até a Estação Ferroviária de Bananeiras, parada final. A obra segue conservada e é um dos destinos turísticos mais procurados.

“A estação, desativada em 1970, também possibilitou o escoamento do fumo, sisal, algodão e da cana. Além dela, numerosos casarões, igrejas e prédios preservados, como o dos Correios e Telégrafos, de 1835, e o Colégio das Doroteias, de 1917, são tombados desde 2010”, disse a diretora-executiva do Iphaep, Tânia Maria Queiroga.



Estação de trem de Bananeiras, construída para escoar a safra de café da região, foi entregue quando a cultura já estava em declínio

Paixão pela terra

Os belos prédios históricos, combinados a um verde serrano que salta à vista, criam um cenário agradável para moradores apaixonados. “Estou aqui desde os oito meses de vida e não pretendo sair”, diz a atriz e condutora de turismo Marina Barros, 36, que participa todos os anos da Rota Cultural Caminhos do Frio (este ano adiada por causa da pandemia) com a trupe Família Matuta, entretendo visitantes por caminhos urbanos e trilhas rurais. “Antes mesmo de escolher trabalhar com o turismo, me perguntava sobre a história por trás dos desenhos arquitetônicos do casario. O bem-estar desta cidade é acolhedor, a segurança e tranquilidade que oferece. Ver a cidade do alto, com toda a beleza do verde, mais as luzes, são um presente de Deus”, elogia.

Foto: Reprodução

UN Informe

Ricco Farias
papiroeletronico@hotmail.com

PROJETO DE VENEZIANO AUTORIZA USO DE RECURSOS DO SUAS PARA A COMPRA DE MÁSCARAS E INSUMOS



Foto: Divulgação

Semanas atrás, o secretário executivo de Gestão da Rede de Unidades de Saúde da Paraíba, Daniel Beltrammi, afirmou que o aumento dos casos de covid-19 no interior dos estados era uma fase da pandemia já esperada pelas autoridades de saúde do país – na Paraíba, a soma dos casos confirmados em municípios do interior que correspondia a 30% do total, em 1º de abril, passou a equivaler a 72%, em 1º de julho. “Esse fenômeno da interiorização comprova que não é o momento de a população relaxar. É preciso que todos tenham consciência disso, do Litoral ao Alto Sertão. Reforçamos a importância de nos mantermos protegidos em casa, e com as demais medidas de prevenção, como lavagem das mãos, uso de máscaras e do álcool em gel”, orientou. Pois bem, no que tange à adoção dessas medidas de proteção citadas pelo secretário, existe o risco de que parte da população mais vulnerável encontre dificuldades para ter acesso a esses produtos, daí a necessidade de o poder público ter recursos financeiros para assegurar essas medidas protetivas. No Senado, tramita projeto de lei (PL 3.229/2020) do senador Veneziano Vital do Rêgo (foto) que autoriza a utilização de recursos do Sistema Único de Assistência Social (Suas) para a compra, pelas prefeituras, de álcool em gel e máscaras de proteção hospitalar ou de tecido, a serem distribuídos à população em estado de vulnerabilidade.

PARA COMUNIDADES CARENTES

Em sessão remota do Senado, o senador Veneziano Vital do Rêgo (PSB) solicitou urgência na aprovação do Projeto de Lei 3.229/2020. De acordo com ele, os insumos adquiridos pelos municípios com recursos do Sistema Único de Assistência Social (Suas) serão doados a comunidades carentes, que não têm condições financeiras de adquiri-los.

“UM PROCESSO CONTROLADO”

Do secretário executivo de Gestão da Rede de Unidades de Saúde da Paraíba, Daniel Beltrammi, referindo-se à necessidade de recrudescer os cuidados mesmo após a flexibilização de medidas de enfrentamento à covid-19, para não colapsar o sistema de saúde: “Se não for um processo controlado, chegaremos a um segundo platô. E aí teremos um preço alto para o sistema”.

PROTOCOLOS DE SEGURANÇA

Para Beltrammi, com a adoção de algumas medidas de flexibilização, sobretudo no que concerne ao setor econômico, é preciso que esses segmentos cumpram protocolos de segurança. “Depende muito dos setores produtivos e não somente da população, para não se ter um agravamento da situação”, afirmou Beltrammi, para quem “teremos um segundo semestre mais virtuoso”.

CONTEÚDOS IMPRÓPRIOS

A Câmara Municipal de João Pessoa aprovou projeto de lei do vereador Bruno Farias (Cidadania), que estabelece mecanismos de proteção e segurança em computadores das escolas do município. A ideia, explica ele, é proteger os alunos de conteúdos como pornografia, erotização, apologia à violência, consumo de drogas ilícitas e ideologia de gênero.

PARCERIA NOS MUNICÍPIOS

“Temos parceria em vários municípios da Paraíba”, afirma Galego do Leite, presidente do Podemos na Paraíba, em relação ao PTB. De acordo com ele, serão formadas chapas em algumas cidades onde o Podemos lançará o candidato a prefeito e o PTB indicará o candidato a vice – assim como o inverso. “Onde não houver divergências com os presidentes locais, estaremos juntos”.

“PREGO BATIDO, PONTA VIRADA”: PODEMOS RATIFICA APOIO A WILSON FILHO NA CAPITAL

Galego do Leite ratificou à coluna que o partido apoiará a pré-candidatura de Wilson Filho (PTB) a prefeito de João Pessoa. “Temos um compromisso, desde o final de 2019, com a pré-candidatura de Wilson Filho. Isso é prego batido, ponta virada. Do mesmo modo, essa parceria está posta em Campina Grande, com o apoio do PTB a Ana Cláudia”.

Coronel Euler Chaves
Comandante-Geral da Polícia Militar da Paraíba

“A população confia no trabalho da Polícia Militar”

Eleito presidente do CNCG, ele falou sobre a nova missão e o trabalho feito pela PMPB

José Alves
zavieira2@gmail.com

Eleito por unanimidade para presidir o Conselho Nacional de Comandantes-Gerais das Polícias e Corpos de Bombeiros Militares (CNCG) do Brasil, o comandante-geral da Polícia Militar da Paraíba, coronel Euler Chaves, 54 anos, disse se sentir honrado e preparado para o novo desafio. Pela primeira vez na história, o colegiado, que existe há 27 anos, terá como presidente um representante da Região Nordeste.

O coronel já foi empossado no cargo por videoconferência, mas está agendando uma nova data para oficializar a posse, a fim de assinar toda a documentação na sede do órgão em Brasília. O colegiado, que reúne os comandantes-gerais de todas as instituições militares estaduais, é responsável por pautar e acompanhar as decisões e projetos de leis nacionais relacionadas à segurança pública. Euler Chaves já foi segundo vice-pre-

sidente e presidente regional do Conselho.

Natural de Pombal (município do Sertão paraibano), o coronel Euler Chaves está há nove anos à frente do comando da PMPB e ao falar sobre o trabalho feito no combate a violência no Estado, disse ter orgulho dos homens da corporação que diariamente estão nas ruas expondo suas vidas em defesa da população. Em razão dos investimentos do Governo da Paraíba na instituição, hoje João Pessoa é a capital menos violenta do Norte e Nordeste. Euler enfatizou que a Polícia Militar da Paraíba foi apontada, através de uma pesquisa feita pelo DataFolha, como a segunda mais confiável do Brasil.

A nova gestão do Conselho que tem à frente o comandante paraibano, tem como 1º vice-presidente o comandante-geral do Corpo de Bombeiros Militar da Bahia, coronel Telles, e como 2º vice-presidente, o comandante-geral da Polícia Militar do Amazonas, coronel Norte.

“A Paraíba continua com a terceira menor taxa de Crimes Violentos Letais Intencionais (CVLI) do Nordeste, e João Pessoa como a Capital menos violenta do Norte e Nordeste.”



Foto: Edson Matos

A entrevista

Coronel Euler Chaves, como funciona o Conselho e qual sua importância?

O Conselho Nacional de Comandos Gerais é o órgão de relações diretas com as instituições da União e com a sociedade civil organizada. O colegiado tem participação direta no Conselho Nacional de Segurança Pública e vislumbra a colaboração em políticas de segurança pública para todo o país. O CNCG, também tem atividades na Europa, através da Federação Internacional de Polícias Europeias. É um órgão que participa ativamente de todas essas pautas de segurança pública em defesa da sociedade brasileira.

Qual é o seu sentimento sendo o primeiro comandante nordestino a assumir esse cargo?

Além de me sentir honrado, tenho certeza que minha responsabilidade foi redobrada. Pela localização geográfica e pelas condições econômicas das unidades federativas, naturalmente as escolhas sempre recaíam mais pelos comandos das regiões Sul e Sudeste. Como primeiro comandante nordestino, vou buscar construir, com a coordenação e articulação, todo o sentimento e disposição dos demais comandantes. Cada Estado tem a sua peculiaridade e nós temos buscado coletar esses sentimentos. Os desafios serão muitos.

Qual o foco principal do CNCG?

A gente tem como ponto primordial, a criação de uma Lei Orgânica que já está em tramitação no Congresso Nacional, cujo objetivo é unificar o papel das polícias militares e bombeiros de todo o país. Já fizemos contato através de videoconferência com o Secretário Nacional de Justiça do Ministério da Justiça e Segurança Pública, Claudio de Castro Panoeiro, e já agendamos para este mês uma segunda reunião presencial para levarmos ao secretário as pautas tanto da Polícia Militar como do Corpo de Bombeiros. Nossa meta é apresentar ao Ministério da Segurança as necessidades e anseios da categoria em todo o país. A finalidade é melhorar a cada dia os serviços prestados ao povo brasileiro. Esse é o nosso foco principal como servidores públicos que somos.

“A gente tem como ponto primordial, a criação de uma Lei Orgânica que já está em tramitação no Congresso Nacional, cujo objetivo é unificar o papel das polícias militares e bombeiros de todo o país.”

Coronel, como o senhor avalia o trabalho da Polícia Militar da Paraíba no combate a violência nos últimos anos?

Temos consciência da necessidade de precisar da integração da Segurança Pública. A participação da PM e do Corpo de Bombeiros dentro desse contexto tem sido importante. Parcerias com Polícia Científica, Polícia Civil, Polícia Federal e Polícia Rodoviária Federal, coordenados pela Secretaria de Segurança Pública e com o apoio do governador João Azevêdo, nos proporcionaram bons resultados. Em oito anos consecutivos, temos uma redução nos Crimes Violentos Letais Intencionais (CVLI) e uma redução de três anos consecutivos nos Crimes Violentos Patrimoniais (CVP).

Estamos vivendo um período sombrio com a pandemia provocada pelo coronavírus. Que tipos de crimes tiveram aumento com o isolamento social e como a PM vem trabalhando e se preparando para coibi-los?

Esse ano, com o advento da pandemia causada pelo coronavírus, tivemos um crescimento dos crimes CVLI, mas nos CVP verificamos uma baixa em torno de 20%. Naturalmente, todos os estados nesse período de pandemia estão vivenciando crimes diferenciados em ambientes privados, a exemplo do feminicídio, que nem mesmo as ações preventivas da polícia é capaz de evitar. Isso nos provoca a necessidade de melhorarmos permanentemente. E mesmo com uma leve alta da criminalidade nesta pandemia, a Paraíba continua com a terceira menor taxa do Nordeste, e João Pessoa como a Capital menos violenta do Norte e Nordes-

te, com cerca de 23 homicídios por cada 100 mil habitantes. Os números mostram que em nosso Estado há um trabalho contínuo e eficaz em parceria com todas as forças policiais da Segurança Pública, com os policiais agindo com EPIS. É claro que tivemos algumas perdas, mas continuamos nos protegendo e trabalhando.

A população confia no trabalho da Polícia Militar da Paraíba?

Sim, com certeza a população confia no trabalho da Polícia Militar da Paraíba. Temos buscado constantemente a aproximação com o cidadão com humanismo e solidariedade, e os resultados têm sido excelentes. Para você ter uma ideia de como os paraibanos confiam nas ações da Polícia Militar, em pesquisa realizada pelo DataFolha em parceria com o Ministério da Justiça, ouvindo 48 mil pessoas, a Polícia da Paraíba foi apontada como a segunda mais confiável do Brasil. O resultado mostra o bom trabalho que é realizado diariamente pelos homens e mulheres da corporação. Só tenho gratidão a Deus, ao governador João Azevêdo e aos nossos profissionais que estão nas ruas expondo suas vidas em defesa dos cidadãos. Agradeço também ao secretário da Segurança Pública do Estado, Jean Francisco, que tem nos dado autonomia para a realização de ações operacionais.

Coronel, como está atualmente a Polícia Militar em relação a treinamento, armamentos e qualificação?

Nossa corporação está bem aparelhada. No ano passado, a gestão João Azevêdo lançou o Batalhão Especializado de Policiamento com Motocicletas (BE-

PMotos), em João Pessoa, e Campina Grande, com equipamentos de segurança visual. Um investimento de mais de R\$ 2 milhões. Também estamos adquirindo constantemente munições e fardamentos. Então, apesar da crise vivenciada, uma vez que esse é um ano de muita dificuldade, os investimentos na segurança do Estado continuam.

Como está a preparação da Polícia Militar para o período pós-pandemia?

Já estamos nos preparando para o período pós-pandemia, mas essas são estratégias que eu ainda não posso revelar. Mas uma delas é a implementação do Sistema de Videomonitoramento do Governo do Estado para a Segurança Pública. Os equipamentos a serem instalados nos municípios serão capazes de transmitir ao Centro Integrado de Operações (Ciop) imagens visualizadas em vídeo wall. Então o futuro vai nos permitir mais proximidade à distância. Será um trabalho diferenciado. Também estamos adquirindo drones para abordagens. São aparelhos com alto-falantes e iluminação que em breve estarão fazendo parte do acervo tecnológico da polícia paraibana.

“Já estamos nos preparando para o período pós-pandemia. São estratégias que eu ainda não posso revelar. Mas uma delas é a implementação do Sistema de Videomonitoramento.”





ECA: há 30 anos em defesa das crianças e adolescentes

Estatuto é uma das principais referências para organizações sociais que trabalham na defesa dos direitos humanos

Laura Luna
lauraragao@gmail.com

“É o nosso norte, o livro de cabeceira da ONG. Não tem como trabalhar com criança e adolescente sem ter o ECA ao lado”. A afirmação é de Rosenilda Dias, coordenadora estratégica do Projeto Beira da Linha que tem quase a mesma idade do Estatuto da Criança e do Adolescente, que completa seus 30 anos neste dia 13 de julho.

“Atuamos desde 91 no Alto do Mateus, bairro com mais de 40 mil habitantes e que, apesar de ter crescido e melhorado em vários aspectos, ainda é carente e nós percebemos isso na demanda pelos nossos serviços”.

A organização desenvolve atividades educativas, práticas esportivas além de cursos profissionalizantes - com o objetivo de contribuir com o processo de formação para a cidadania- e já atendeu

milhares de crianças e adolescentes do bairro e localidades vizinhas ao longo dos anos.

O resgate cultural da comunidade, a busca pelos direitos, acesso à educação e ao lazer são reforços que o espaço trabalha e que muitas vezes o poder público negligencia, por isso a importância da sociedade civil nesse processo.

“Se você busca a história da criança desde a colonização do Brasil, é uma história de muito sofrimento e desprezo que foi aos poucos se desconstruindo”, pontua Rosenilda que é também historiadora. Tentar preencher lacunas abertas pelo estado de direito é a missão dos que se dedicam à causa da criança e do adolescente.

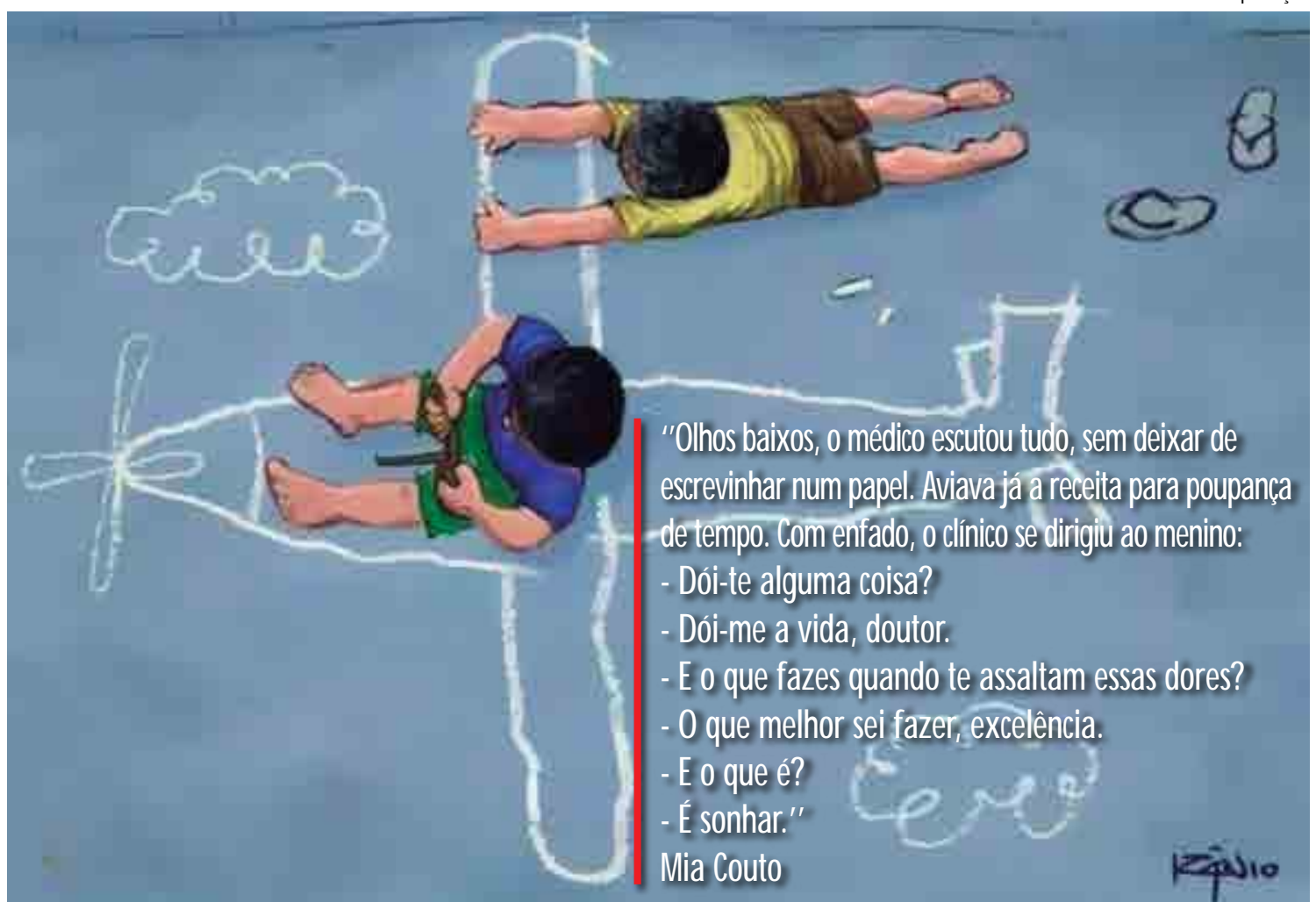
“Quando a gente vê o brilho no olhar, a esperança, a alegria de um sorriso a gente sabe que está no caminho e que está tudo lá no ECA é só se espelhar e fazer valer o que está escrito”.

Foto: Arquivo Pessoal



“Se você busca a história da criança desde a colonização do Brasil, é uma história de muito sofrimento e desprezo que foi aos poucos se desconstruindo”

É impossível trabalhar com crianças sem o ECA, afirma Rosenilda Dias



“Olhos baixos, o médico escutou tudo, sem deixar de escrever num papel. Avia já a receita para poupança de tempo. Com enfado, o clínico se dirigiu ao menino: - Dói-te alguma coisa? - Dói-me a vida, doutor. - E o que fazes quando te assaltam essas dores? - O que melhor sei fazer, excelência. - E o que é? - É sonhar.”
Mia Couto

Foto: Reprodução

O importante papel dos Conselhos Tutelares

No ano passado os sete Conselhos da capital paraibana realizaram cerca de 9 mil atendimentos, sendo mais comuns os casos de conflito familiar e negligência. Os casos de violência sexual contra crianças e adolescentes somaram 110. Os Conselhos recebem, na maioria das vezes, através de denúncia anônima, casos relacionados à negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade, opressão, entre outros.

Cabe aos conselheiros atender as crianças e adolescentes nas hipóteses de descumprimento de proteção previstas em seu estatuto. É papel dos conselheiros também atender e aconselhar pais ou responsáveis e promover a execução de decisões tomadas pelo próprio órgão, se valendo dos serviços públicos nas áreas de saúde, educação, serviço social, previdência, trabalho e segurança.

PARA ANOTAR:

- CT Mangabeira: 3238-5468
- CT Norte: 3214-7931
- CT Praia: 3214-7081
- CT Sudeste: 3218-9123
- CT Sul: 2218-9836
- CT Cristo: 3218-6235
- CT Valentina: 3218-9046

Fonte: Conselho Municipal dos Direitos de Crianças e Adolescentes

Estatuto, Governo Federal e pandemia

Lorenzo Delaini, secretário executivo da Remar - Rede Margaridas Pró-Crianças e Adolescentes da Paraíba - que atua há 17 anos como elo entre as instituições governamentais e não-governamentais na defesa dos direitos de crianças e adolescentes, se diz preocupado com o tratamento que o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) tem recebido do Governo Federal.

“Estamos vivendo um momento de retrocesso e sem apoio e investimento não há como trabalhar políticas de assistência. O presidente [Jair Bolsonaro], inclusive, falou em jogar o ECA na latrina”, lembrou. Um motivo a mais para comemorar os 30 anos do Estatuto da Criança e do Adolescente, segundo o gestor.

Foto: Arquivo Pessoal



Lorenzo, preocupado com o ECA no atual governo



Campanha pela proteção das crianças na pandemia

“Só o fato de o ECA existir já deve ser comemorado, tanto que a campanha deste ano traz o tema: ‘Criança e adolescente, quem protege resiste’. Lorenzo lembrou também que a relevância do Estatuto e das políticas públicas que se fazem necessárias para seu cumprimento estão ainda mais latentes em período de pandemia. “Quando as famílias e, consequentemente, as crianças e adolescentes, não têm acesso à saúde, quando a violência doméstica aumenta e a falta de renda ocasiona um crescimento do trabalho infantil, vemos problemas estruturais que se acentuaram e que reforçam a importância do ECA”, disse.

Foto: Reprodução/Instagram

PEDIDO DE DOAÇÃO DE PLASMA

- > NOME: CLEMILDE TORRES PEREIRA DA SILVA (UNIMED)
- > QUALQUER TIPO SANGUÍNEO
- > DOAÇÃO PODE SER REALIZADA POR QUALQUER PESSOA (HOMENS OU MULHERES) QUE JÁ TIVERAM COVID E ESTÃO CURADOS HÁ PELO MENOS 30 DIAS.
- > APRESENTAR LAUDO COMPROVANDO QUE TESTOU POSITIVO PARA COVID

OBS: MULHERES PREFERENCIALMENTE QUE NÃO TENHAM ENGRAVIDADO.

LOCAL PARA DOAÇÃO: HEMOCENTRO DE JOÃO PESSOA
MAIORES INFORMAÇÕES: (83) 3133-3473

Para se concretizar, Estatuto deve reunir toda a sociedade

Após 30 anos, ainda são muitos os desafios propostos para que o ECA seja, de fato, colocado em prática

Laura Luna
lauraragao@gmail.com

Assinada em 13 de julho de 1990, a lei 8.069/1990, responsável por criar o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), está completando 30 anos. Já são três décadas desde a elaboração do conjunto de normas que tem como objetivo central a proteção integral da criança e do adolescente no país. Mas no decorrer do tempo, ainda são muitos os desafios e conquistas que ainda estão por vir.

“É considerada uma legislação de vanguarda, ainda hoje é uma das mais avançadas do mundo”, afirma o juiz Adhailton Lacet, titular da 1ª Vara da Infância e Juventude e coordenador da Infância e Juventude do Tribunal de Justiça da Paraíba (TJ-PB), sobre a legislação.

ba (TJ-PB), sobre a legislação.

A legislação trata de pontos considerados fundamentais e que até então não tinham a atenção devida. “Criou-se uma doutrina de proteção integral com um sistema de garantia de direitos ancorados na defesa, na proteção e no controle onde agentes governamentais e não governamentais. Uma rede de cuidados que envolve as polícias civil e militar, defensoria pública, Ministério Público, poder judiciário, Centro de Referência de Assistência Social (Cras), Centro de Referência Especializado de Assistência Social (Creas), Conselhos Tutelares, Ong’s, entre outras instituições”.

Apesar de ser considerado um marco no campo do direito humano, o estatuto não tem no país a prioridade que merece, na opinião de

Juliana Couto, promotora para a infância e coordenadora do Centro de Apoio Operacional às Promotorias de Defesa da Criança, do Adolescente e da Educação do Ministério Público da Paraíba (MPPB).

“Quando escolas não funcionam, famílias são negligenciadas, falta saúde, percebemos claramente a falta de priorização por parte do poder público”. Um dos motivos dessa negligência, segundo a jurista, diz respeito ao fato de que ações determinadas pelo ECA, muitas vezes não causam grandes impactos sociais. “Pavimentar uma rua, por exemplo, acaba chamando mais atenção da população, quando você investe em políticas de assistência social isso chama mais atenção. E investir em crianças e adolescentes acaba não sendo muito atrativo, tendo em vista que se trata de pessoas que estão à margem da sociedade”, pontua.

Além da participação do poder público, há também a ausência da sociedade que, em geral, não participa dessa luta, na opinião da entrevistada. “A sociedade não exige. Precisamos de conselhos que efetivamente requeiram, promovam e protejam essas políticas para que esses direitos não sejam vilipendiados”.

Sobre a relevância do documento, que completa 30 anos, a promotora pondera. “Embora devagar a gente avançando em vários campos, devemos ajustar o que diz o ECA à realidade para que de fato ele seja praticado em sua efetividade. E nós percebemos que isso vem acontecendo cada vez mais. É uma luta ano a ano, dia e dia, e que vai acabar se concretizando através de cada conquista”.



O juiz Adhailton Lacet e a promotora Juliana Couto são defensores da união em torno do ECA

Reinserção social

Fundac: apoio aos adolescentes em conflito com a lei é essencial

Na Paraíba, é a Fundação Desenvolvimento da Criança e do Adolescente ‘Alice Almeida’ (Fundac) que coordena o atendimento socioeducativo de adolescentes e jovens em conflito com a lei e executa as medidas de privação e restrição de liberdade. Atualmente existem 255 sócioeducandos nas sete unidades do Estado, sendo cinco em João Pessoa, uma em Lagoa Seca e outra na cidade de Sousa.

Para o presidente da Fundação, Noaldo Meireles, a discussão sobre a diminuição da maioridade penal deve levar em consideração três aspectos.

“A formação psicossocial da pessoa, com a formação do caráter, que quase todos os países do mundo consideram a partir dos 18 anos. Outro

ponto é que países e estados, como alguns dos Estados Unidos, que reduziram a maioridade penal, não conseguiram reduzir a criminalidade. E, por último, se quer substituir a falta de implementação de políticas públicas e sociais pelo encarceramento”.

Para o gestor, a falta de investimento em políticas preconizadas pelo ECA, é um grande desafio a ser vencido, além de ser o maior motivo de encarceramento da juventude brasileira. “Temos dados na Fundac de comprovam que mais de 80% dos sócioeducandos vêm de família com renda abaixo de um salário mínimo e de família monoparental, sustentada por mãe ou avó. Outro dado é que cerca de 70% são provenientes de 20 municípios do estado, ou seja, cidades que não estão

investindo nessas políticas”.

O presidente da Fundac conta também que na grande maioria dos casos os sócioeducandos estão afastados das salas de aula. “O que se percebe é que ao mesmo tempo em que as políticas são negligenciadas o aparato de segurança e justiça funcionam”, disse.

Redução da maioridade penal

Já aprovada pela Câmara dos Deputados, a lei que prevê a redução da maioridade penal de 18 para 16 anos segue em discussão. Até que passe por uma segunda votação e chegue ao Senado Federal ainda há um caminho a ser percorrido. E, claro, muitos debates.

O juiz Adhailton Lacet afirma que o discurso sobre a redução da maioridade penal não é compactuada pelo Judiciário que entende essa ideia como sendo ainda mais comprometedor, do ponto de vista da criança.

“Isso não resolveria o problema da delinquência juvenil, porque nós vemos os nossos adolescentes sendo cooptados pelos adultos e se você reduz a idade para 16 anos, por exemplo, aqueles de 14 e 15 continuarão sendo explorados por essa marginalidade adulta. Além do que o nosso sistema carcerário não resolve a questão da criminalidade, já que o egresso volta a cometer crimes, o que não acontece com a mesma frequência no sistema socioeducativo”.



Noaldo Meireles afirma que redução da maioridade penal deve considerar várias aspectos

Fotos: Rogéria Araújo

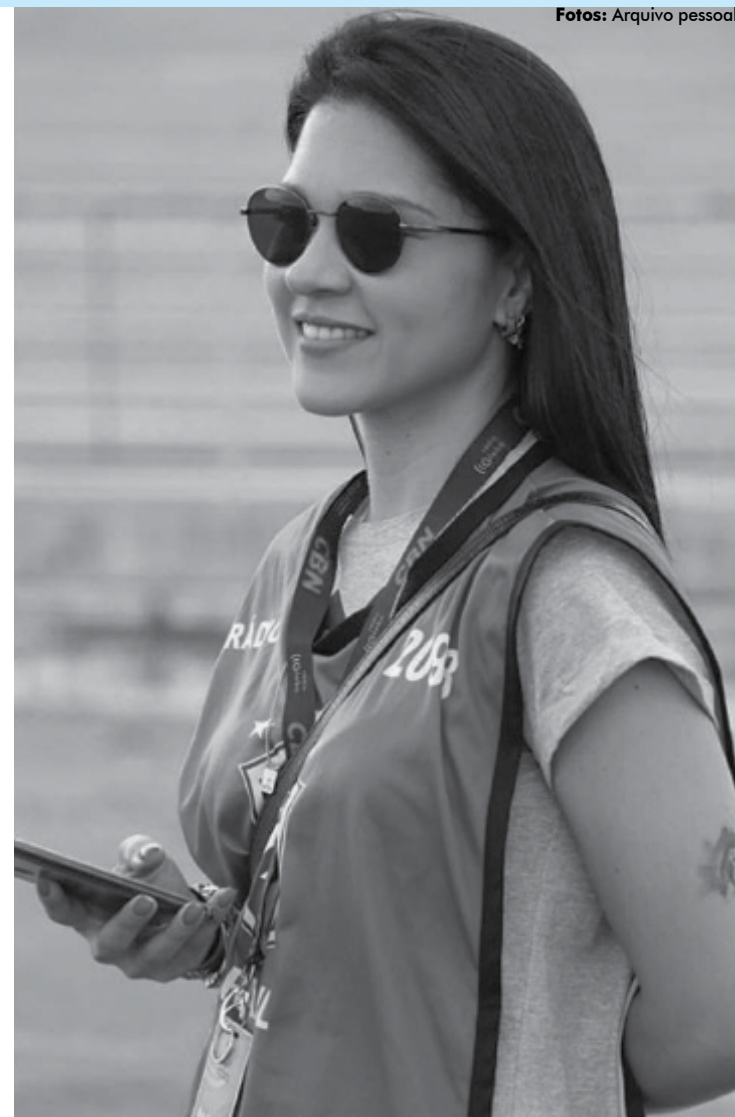




Foi durante a quarentena que Ligia Coeli decidiu assumir os cachos



Laianna Juna: "Estar em um salão de beleza não é tão necessário assim"



Para Izabel Rodrigues, momento deve servir para que mulheres se amem

Isolamento propõe reflexão sobre os padrões de beleza

Na pandemia, muitas mulheres se encontraram consigo mesmas, deixando a padronização estética de lado

Ana Flávia Nóbrega
ana8flavianobreg@gmail.com

Estigmatizadas por padrões e costumes a serem seguidos por anos, as mulheres travam lutas diárias pela libertação do que as reduzem e as colocam em posição de vulnerabilidade dentro da sociedade que reduz suas imagens aos padrões estéticos ditados pela moda e pela indústria. Esse quadro, porém, vem sendo modificado há alguns anos através da luta pela autoaceitação da imagem e beleza feminina e diversa. Durante o período pandêmico, em decorrência do novo coronavírus, essas mudanças vêm se tornando mais latente.

O isolamento trouxe mais tempo consigo mesmo e, como resultado, um olhar mais carinhoso para si ao se olhar no espelho e ainda, uma maior carga de trabalho que exclui a possibilidade de um tempo maior de cuidados pessoais.

Abandonando uma rotina de beleza muitas vezes repreensível que contribuiu com o apagamento pessoal em detrimento das imagens massificadas pela indústria, algumas mulheres se submeteram ao alisamento capilar, por exemplo, para enquadrar-se nesses padrões e, nesse momento, iniciam o processo de retornar ao cabelo natural através do processo de transição capilar.

Para a doutoranda em comunicação Ligia Coeli, esse processo foi como assumir o controle do próprio corpo. Durante a quarentena, Ligia decidiu assumir os cachos que alisados há anos. "Foi o que eu senti mais fortemente, especialmente com o cabelo. Passei mais de dez anos usando química (progressiva, alisamento) e quando vi os primeiros cachos aparecendo, eu achei bonito e fiquei me perguntando por qual motivo eu passei esse tempo todo negando meu cabelo. Cresci ouvindo que cabelo cacheado era ruim,

feio e 'difícil de cuidar'. Nem sequer me lembrava como era o meu cabelo e parei para pensar no quanto isso é violento", declarou.

Na Paraíba, mesmo com medidas restritivas alguns salões, clínicas de estética, barbearias e outros serviços não essenciais seguiram recebendo clientes em regime de controle de número de pessoas dentro das dependências do estabelecimento. Em João Pessoa, o trabalho de fiscalização através da vigilância sanitária e do Procon notificou e fechou alguns desses serviços. No entanto, antes do fechamento, muitas mulheres se colocaram em vulnerabilidade para retocar mechas para esconder os fios brancos, cortes, serviços de depilação e alisamento foram constantes devido a dificuldade de se desprender dessa ditadura da imagem que separa as mulheres entre bem cuidadas e desleixadas, dentro do contexto do patriarcado.

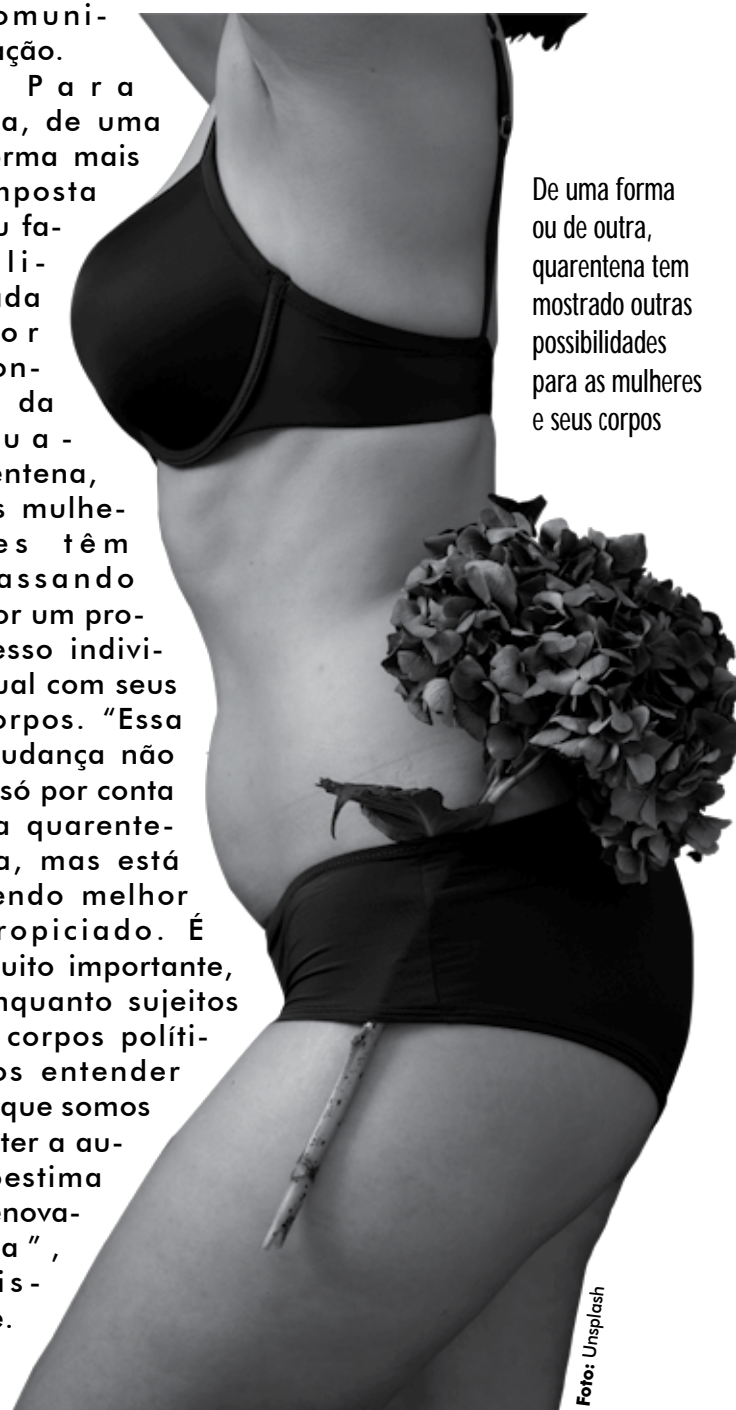
"Entendo que muitas mulheres, por sofrerem muito com condicionamentos sociais e pressões de todos os tipos se encontram numa situação no mínimo incômoda. Já era incômodo antes da pandemia, acho que o isolamento só jogou mais luz ao tema. A 'saída para o salão' é também um processo de socialização (para quem gosta), um 'tempo para si'. Tento entender a vaidade 'estética' como o cuidado de si. Gosto de estar com a unha feita, banho tomado, cabelo arrumado ou usar hidratantes mas quando essas necessidades começam a virar motivo de estresse, frustração, algo que ultrapasse o meu orçamento financeiro ou que me ponha em dúvida quanto à minha aparência, começo a acender o alerta de pensar "espera aí, é por mim ou pelos outros que tô fazendo isso?". Não vejo a menor necessidade de sair de casa agora para fazer a unha, dar uma escova no cabelo ou fazer uma hidratação capilar", ressaltou Ligia Coeli.

Meu corpo, minhas regras

A tomada de consciência pelo domínio do próprio corpo e a criação dos próprios padrões é uma construção. O feminismo, movimento ideológico, filosófico, social e político pela igualdade de gênero, tem a luta pela quebra de padrões estético como um dos pilares.

"É importante observar o que está acontecendo agora de uma maneira geral porque a mulher não pode estar no espaço do salão e se permite viver uma experiência muito nova de ver os pelos crescerem, o cabelo branco aparecendo... e a partir desse processo, estamos vendo que estar em um salão de beleza não é tão necessário assim. Como corpos políticos, nós somos socializadas de uma maneira muito diferente. Então acaba que um gênero pode e o outro não pode" analisou Laianna Janu, militante feminista e da em

Para ela, de uma forma mais imposta ou facilitada por conta da quarentena, as mulheres têm passando por um processo individual com seus corpos. "Essa mudança não é só por conta da quarentena, mas está sendo melhor propiciado. É muito importante, enquanto sujeitos e corpos políticos entender o que somos e ter a autoestima renovada", disse.



De uma forma ou de outra, quarentena tem mostrado outras possibilidades para as mulheres e seus corpos

Foto: Unsplash

Sobre beleza própria

O auto cuidado não deve ser excluído. Pelo contrário, esse momento deve servir para que as mulheres se amem e se sintam bem a sua maneira. Izabel Rodrigues, repórter de uma rádio local, passou três meses sem retocar a raiz do cabelo e os fios brancos, socialmente rejeitados, apareceram. Nos últimos dias, a repórter pintou os cabelos para cobrir os fios brancos em casa e para renovar a visão harmonizada consigo mesma.

"Eu nunca fui escrava de salão, sempre me virei. Tenho essa autonomia. Meu cabelo não é liso, mas é um cacheado estranho e liso facilita na minha vida, na minha rotina. Agora com a pandemia, eu estou seguindo muitas mulheres que estão passando por esse processo de transição e estou há seis meses sem fazer a selagem e não vou mais fazer. Agora pinte, mas sempre pinte também", disse.

Para ela, a única parte que incomoda, na dependência do salão, é a depilação porque se sente confortável sem pelos. "Mas até que estou conseguindo fazer as coisas em casa. Não tem esses problemas ligados à estética, faço tudo porque me sinto confortável", afirmou Izabel.

A luta pela emancipação dos corpos agora é projetada para além do período de isolamento para que cada vez mais mulheres se libertem de protótipos que as impediram de serem elas mesmas e até causando transtornos alimentares e morte em nome de uma beleza inalcançável seja uma constante.

Foto: Unsplash



Grande questão: pós-pandemia, mulheres voltarão aos padrões?



Casa onde nasceu João Pessoa é hoje um importante museu da cidade

'Caminhos dos filhos ilustres' levam turistas a Umbuzeiro

Berço de grandes personalidades paraibanas, município tem usado a força da cultura para fomentar o turismo

Teresa Duarte

teresaduarte2@hotmail.com

O fortalecimento da cultura é um dos pilares para o fomento ao turismo no município de Umbuzeiro, que é nacionalmente reconhecido no meio agropecuário pelo desenvolvimento e produção do gado Gir, na Estação Experimental João Pessoa, administrada pela Empresa Estadual de Pesquisa Agropecuária da Paraíba (Emepa). A boa malha rodoviária proporcionou ao município estudos para viabilizar o turismo ecológico aproveitando o potencial local. "Nós temos aqui, em Umbuzeiro, o lado histórico cultural, onde nasceram grandes personalidades de importância para história do nosso país, a exemplo de João Pessoa, Epitácio Pessoa, Assis Chateaubriand, o médico Napoleão Laureano, entre outros, e nós estamos investindo nesse resgate", comenta o prefeito José Nivaldo.

Com a coordenação da secretária de Cultura e Turismo do município, a historiadora Ana Márcia, foi montada uma equipe para incluir Umbuzeiro no calendário turístico cultural do Estado da Paraíba e no Fórum do Turismo do Turismo do Vale do Paraíba. O município foi integrado ao roteiro turístico "Caminhos Vale do Paraíba", cujo objetivo é oferecer aos próprios paraibanos e aos turistas a cultura local, bem como o turismo de aventura existente nos municípios que fazem parte do Vale do Paraíba.

Como Umbuzeiro se destaca por causa dos filhos ilustres, o roteiro local recebeu o nome de "Os Caminhos dos Filhos Ilustres". "O nosso interesse é resgatar as tradições e fazer com que o município cresça, resgatando o nosso Centro Histórico com bela arquitetura, a exemplo também do prédio da Igreja Matriz Nossa Senhora do Livramento; restaurar as três praças existentes; e mostrar as belezas e a importância histórica que Umbuzeiro tem para Paraíba", destaca o prefeito.

Para não perder o foco no fortalecimento da cultura durante a pandemia causada pelo covid-19, a prefeitura realizou um São João diferente esse ano intitulado de "Arraiá Virtuá de Umbuzeiro 2020", realizado durante cinco horas de live show com artistas da terra, alcançando mais de 26 mil visualizações. Além do Circuito Junino do CRAS que percorreu as ruas da cidade aquecendo o coração das pessoas com um forró pé de serra, muita cultura e alegria.

A equipe envolvida no novo roteiro já vem trabalhando nas demais manifestações artísticas existentes, a exemplo do Carnaval, que é uma tradição local. "Nós já montamos a Feira do Artesanato, Gastronomia e Produtos Orgânicos, que acontece sempre na primeira sexta-feira do mês, estruturamos o Carnaval, grupo do coco de roda, festa da padroeira e vamos resgatar o nosso Centro Histórico", explicou Ana Márcia.

História

"Os Caminhos dos Filhos Ilustres" proporciona aos turistas uma viagem ao tempo no patrimônio arquitetônico existente no Centro Histórico, que possui casarios muito bem preservados, bem como a Estação Experimental João Pessoa, onde há uma jurema gigante, árvore centenária; a casa onde residiu Epitácio Pessoa; a casa onde nasceu João Pessoa e hoje é um museu; a casa onde nasceu Assis Chateaubriand; e a sede da Prefeitura Municipal, inaugurado por Assis Chateaubriand em 1951, onde funcionava o Posto de Puericultura.

Religião

O turismo religioso também é forte no município, a começar pela beleza arquitetônica e muito bem preservada do prédio da Igreja Matriz Nossa Senhora do Livramento. No período de 21 a 31 de outubro, se realiza a tradicional festa da padroeira do município, Nossa Senhora do Livramento, com uma vasta programação na sede da paróquia. Outro ponto forte no turismo religioso é a festa de Nossa Senhora da Conceição, padroeira do Distrito de Mata Virgem, cuja programação conta com uma procissão a luz de velas, levando a imagem da santa até a Igreja de Nossa Senhora da Conceição.

Gastronomia

A degustação do queijo de coalho, bastante conhecido na região pela sua qualidade, também faz parte do roteiro "Os Caminhos dos Filhos Ilustres". O município também dispõe de bons restaurantes e de dois meios de hospedagem muito bem localizados. A Pousada Avenida Drink possui quatro apartamentos mobiliados com dois quartos, 6 flats e 5 suítes. As informações podem ser obtidas pelos telefones (83) 3395-1075 ou 98143-5346. Já o Restaurante e Pousada Sol Nascente tem acomodações para 35 pessoas, com ar condicionado, TV e direito ao café da manhã. Informações (83) 98105-3495.

Fotos: Teresa Duarte



Uma jurema gigante, centenária, no terreno da Estação Experimental João Pessoa, chama a atenção e encanta moradores e visitantes de Umbuzeiro



O município preserva a casa onde residiu Epitácio Pessoa, paraibano que assumiu a Presidência da República entre os anos de 1919 e 1922



A sede da prefeitura, inaugurada por Assis Chateaubriand em 1951, é parte do casario histórico, importante atração turística do município

No próximo dia 16, completam-se 70 anos do "Maracanço", a famosa derrota do Brasil para o Uruguai por 2 a 1, na final da Copa de 1950, disputada no recém-inaugurado Maracanã. [Página 12](#)



Foto: Agência Estado

João Pessoa, Paraíba - DOMINGO, 12 de julho de 2020

A UNIÃO 9

Foto: Rafael Passos/Divulgação

Influenciada desde pequena, mesmo sem ter consciência disso, a cantora e compositora Val Donato define o rock'n'roll como atitude

O QUE É O ROCK HOJE?

Artistas paraibanos colocam na berlinda o estilo musical e de vida, cuja data é celebrada amanhã

Cairé Andrade
caireandrade@gmail.com

Comemorado amanhã, o rock ganhou destaque no calendário a partir do evento que se tornou referência mundial, em 1985: o Live Aid. Participaram da iniciativa contra a fome na Etiópia nomes como Queen, The Who, Black Sabbath e Neil Young, entre muitos outros, espalhados em diferentes locais do mundo e transmitido ao vivo pelo globo. Atualmente, em meio à pandemia e ao isolamento domiciliar, não é possível imaginar quando aconteceria um evento desse porte novamente. Mas o bom e velho rock'n'roll segue vivo? Ainda como as suas multitransformações que podem ser definidas entre atitude, postura, e visão de mundo?

Na Paraíba, o gênero varia suas linguagens e abordagens entre gerações. Val Donato é um dos principais nomes atualmente por levar irreverência e atitude para suas músicas e para as performances ao vivo. Um marco em relação ao gênero, para a cantora, foi ao conhecer o disco *Rádio Pirata Ao Vivo*, do grupo RPM. "Tinha por volta de 10 anos e ouvia muito esse disco, tanto que depois de adulta eu comprei o LP. Quando criança, absolvemos o que está disponível, sem perceber as letras, mas lembro que gostava das variações de ritmo entre as músicas, do jeito de cantar, a pegada mais rasgada na voz. Chamava minha atenção. Eu não tinha muita noção de influência, música era puro sentimento e identificação com a energia".

Junto com o RPM, vieram outros sons de um gênero que influenciaria futuramente na carreira profissional da cantora: Legião Urbana, Cazusa, Paralamas, Titãs, Barão Vermelho foram "consumidos intensamente", como ela define. "Foi ali que percebi um movimento com o qual eu me identificava muito. Aí veio Cássia Eller, que já me trouxe outra perspectiva de rock".

O enérgico gênero que tem suas incontáveis variações, pode trazer para o artista diferentes formas de se

posicionar. "O que define rock, para mim, é a atitude. Talvez uma música que não fosse enquadrada no estilo é Lenine, e, ao meu ver, ele traz totalmente essa atitude do rock'n'roll em sua postura e discurso. É como uma filosofia de vida mesmo, com tudo aquilo que você se importa. Tanto é que as caveiras, símbolo tradicional conhecido pelos roqueiros, simbolizam que por dentro somos iguais".

O guitarrista Alex Madureira, por outro lado, cresceu em meio ao universo rock criado pelo pai, que também era músico. "Ele ouvia muitas big bands da década de 1950 e 60. Tinha aquela áurea de expansão americana. Já nasci ouvindo isso, Elvis Presley, Beatles. Fui assimilando aqui-

lo tudo". Atualmente, o músico acredita que o gênero se perdeu nas vertentes. "Perdeu a referência, expandiu de uma forma que hoje está diluída pela indústria da música. Hoje a gente nem consegue dizer o que é rock, pois cada um tem as próprias características culturais, mas não é mais aquele mesmo de origem".

Embora tenha se "diluído", o rock vive e, para Madureira, a comemoração segue válida. "Vem para reforçar o gênero que influenciou gerações em relação a comportamento. Nunca vai deixar de ser influência".

O espírito revolucionário de contestação que vem junto com o rock está representado pelos ídolos de Madureira como Jimi Hendrix e Janis Jo-

plin. "É a escola mais tradicional, que continua viva na cabeça de muita gente. Aquela ideia de revolução que era pregada, de protesto, comportamento social, revolta, se transformou de um jeito que hoje não se tem controle. Mas ainda acho que ser roqueiro foi a melhor coisa da humanidade", opina.

Escurinho teve o primeiro contato com o rock através da TV Tupi, por volta de 1977. "Tinha um programa chamado *Rock Concert* e passava tudo o que estava acontecendo no mundo. Conheci Janis Joplin, Jimi Hendrix, Beatles por lá".

O movimento vai além do estereótipo formado por bandas formadas entre os anos 1960 e 80, como defende o músico. "Na década de 1970 era um gênero caracterizado

por ser de protesto, e a gente ouvia muito. Aqui no Brasil tinha a Azymuth, Casa das Máquinas, O Terço, Som Nosso de Cada Dia, A Bolha, Rita Lee, Os Mutantes. Foi um gênero que acompanhou uma parte da vida da gente, por mais que a gente tenha fortemente a cultura do forró, do baião e da embolada, temos presente também muito forte a presença do rock", aponta.

Escurinho destaca o grupo pernambucano Nação Zumbi como uma das principais referências atuais nacionalmente. "Eles o trouxeram para uma visão voltada para a geopolítica local. O gênero renasce nas diferentes sociedades de acordo com o que as necessidades exigem. A Nação Zumbi representa, atualmente,

uma das maiores bandas de rock do mundo".

A banda Pau de Dar em Doido explora em seu som linguagens do rock que passeia pelo grunge, punk e ganha elementos regionais. "Fazemos uma mistura com regionalismo raiz, mas com a guitarra distorcida", comenta o vocalista Luciano. "Por trazer a formação de guitarra, baixo e bateria, já nos definem como uma banda de rock".

Embora não defina o próprio som como parte do gênero, Luciano se atrai pelo som através do sentimento de força e invencibilidade. "Tem rock para todo o mundo. Tem quem se identifique com a guitarra mais pesada ou não. Dependendo da história de cada pessoa, como vai enxergar as bandas".



Fotos: Rafael Passos/Divulgação



Banda-fôrra carrega um som híbrido que se distancia da origem e dos limites criados originalmente

Para nova geração, o rock se tornou algo muito maior

Entre as novas gerações do gênero, a banda-fôrra se destaca no meio independente local. As referências, na verdade, variam entre cada integrante do quinteto. "Eu sou fã do rock inglês bem clássico, como Beatles e Rolling Stones, mas cada integrante responderia algo diferente em relação às influências", comenta Guga Limeira, o vocalista. Entre as principais referências, ele menciona a música popular brasileira que conversa com o gênero como Os Mutantes, Novos Baianos, Tropicália e, mais recentemente, Cidadão Instigado.

Entre as características mais presentes no rock, para o vocalista, que está à frente nos palcos, a performance e atitude são os elementos que falam mais alto. "As nossas letras também dizem muito, além da linguagem instrumental, com a formação que era símbolo de rebeldia e que se tornou tradicional no gênero com contrabaixo elétrico, guitarra e bateria. Tudo conversa quando a gente fala em rock e, aqui no Brasil, a gente se empoderou desses elementos e acabou resignificando, pois aqui a gente esbarra nos Novos Baianos,

por exemplo. Tornou-se algo muito maior do que o que os inventores poderiam prever".

O som híbrido, como define Guga Limeira, faz com que o gênero se distancie da origem e perca os limites originalmente criados. "Especificamente falando da banda-fôrra, há grande influência da neozelandesa Tame Impala, que começou com formação mais clássica influenciada do rock psicodélico dos anos 1970 e que hoje explora um som eletrônico. A configuração atual do gênero passa por essa questão de se desprender dos limites estabelecidos inicialmente".

Guga acredita na disseminação das *lives* como forma de celebrar o Dia Mundial do Rock. "É um movimento que precisa ser entendido com calma, pois não sei como é feita essa organização de patrocínios e em relação aos cuidados sanitários necessários, mas alguns grupos seguem fazendo coisas bem bonitas e transmitindo pela internet. As *lives* são uma troca contraditória dos artistas com o público que permite que a gente se aproxime dele, mesmo que através da tela de computador ou celular".

Paulinho da Viola, Gonzagão e Bob Marley

Li recentemente um depoimento de Paulinho da Viola, concedido ao jornalista Cláudio Leal, sobre as memórias musicais de sua infância. Vários trechos me chamaram bastante atenção. Por exemplo, quando ele diz que 'Carinhoso' e 'Asa Branca' são as músicas brasileiras mais "emblemáticas" do século 20. A sua admiração por Pixinguinha e Luiz Gonzaga é imensa, cheia de recordações afetivas.

A influência de Pixinguinha é um pouco mais óbvia, pela origem familiar e musical de Paulinho da Viola estarem ligadas ao choro. O seu pai, César Faria, foi um grande violonista integrante do famoso Conjunto Época de Ouro. O que permitiu que tivesse contato desde muito cedo com o choro, a música de Pixinguinha e artistas como Jacob do Bandolim. Ouvia o pai tocar 'Carinhoso' quando criança. Esse tipo de ambiente familiar, culturalmente rico, costuma ser decisivo para o desenvolvimento intelectual de artistas e para a construção daquilo que alguns sociólogos chamam de *habitus*. É mais importante do que qualquer escola ou universidade.

Paulinho da Viola se refere a Gonzagão como um deus e esclarece o equívoco, geralmente cometido pelos mais jovens, de pensar que a influência dele se restringiu ao Nordeste. O sucesso do Rei do Baião foi gigantesco e nacional. Ninguém que viveu no Brasil entre 1940 e 1950 ficou indiferente a ele. A música de Gonzaga traz muitas recordações afetivas a Paulinho. Quando ouvi 'Que nem Jiló' é como fosse transportado para as ruas do Rio de Janeiro de sua infância, de volta ao trajeto que fazia de casa até a escola primária Joaquim Nabuco.

Faz algum tempo que acho Luiz Gonzaga o maior músico popular da história do Brasil. Sei que é difícil medir essas coisas. Escolhas desse tipo sempre terão, em última instância, um caráter idiossincrático. Isso significa que não somos obrigados a concordar com elas.

O que coloca, a meu ver, o Rei do Baião na frente dos demais concorrentes não é o seu imenso sucesso nacional, o pioneirismo de ter criado um estilo, a qualidade de suas canções ou a influência sobre outros artistas importantes, mas a sua condição de mito. Gonzaga alcançou um nível de transcendência que muitos poucos conseguem, tornando-se um arquétipo do imaginário popular. A obra do filho de seu Januário ajudou a criar uma tradição cultural. É impossível pensar a cultura nordestina e brasileira sem considerarmos sua influência.

Uma associação que costumo fazer é a de Luiz Gonzaga com Bob Marley. Ambos tinham origem pobre, criaram estilos musicais nos quais jamais foram superados e se transformaram em mitos.

Arquétipos culturais. É impossível falar de reggae, baião, xote e forró sem lembrar desses dois grandes artistas. Eles são soberanos nesses estilos, figuras de proa, que possuem um cancionário enorme e praticamente impecável.

A música de Gonzaga pode ter também influenciado o rock britânico. Pelo menos é o que diz a teoria engenhosa de Bráulio Tavares sobre a sua suposta relação com os Beatles. Os discos de Gonzagão teriam cruzado o Atlântico em direção à Inglaterra na época em que Campina Grande viveu seu apogeu econômico com a exportação do algodão produzido com fartura no Cariri. O argumento é o de que rotas fixas de comércio tendem a promover a circulação de outras mercadorias. Seria razoável pensar que o movimento intenso entre os portos de Recife e Manchester possibilitou a chegada de discos brasileiros de forró na Terra da Rainha. O pai de Paul McCartney, que trabalhava na Bolsa de Algodão de Liverpool, provavelmente teria entrado em contato com os discos de Gonzaga. A hipótese é que, em algum momento, os discos chegaram às mãos e ouvidos de Paul.

Bráulio argumenta ainda que tanto a música nordestina como o blues (pai do rock) usam com muita frequência a sétima-menor. E vai mais longe do que apontar essa característica harmônica semelhante, ao cogitar a influência dos ritmos nordestinos sobre outros roqueiros ingleses como o vocalista Morrissey, do The Smiths, cuja voz anasalada, segundo ele, lembraria a de João Gonçalves na canção 'Pescaria em Boqueirão'.

Seguindo essa lógica, podemos cogitar se algo parecido não aconteceu também com Bob Marley. As temáticas do forró e do reggae têm muita proximidade e a semelhança rítmica entre o xote e o reggae é gritante. Tato, vocalista da banda Falamassa, conta que quando Gonzaga ouviu reggae pela primeira vez, exclamou: "Ô xotezinho sem vergonha esse!" Já a reação de Dominginhos ao ouvir uma música de Bob Marley, com Gil em 1972, foi dizer que "caso colocassem um triângulo na levada do reggae, viraria um xote".

Deixando de lado essas especulações malucas, uma ideia mais plausível defendida por Jorge Ben no documentário *Eclats Noirs du Samba*, de 1987, é a origem africana comum desses ritmos. Durante uma conversa com Gilberto Gil, ele diz: "O baião é, realmente, estritamente brasileiro. Veio da África pro Brasil, pro Nordeste do país, se espalhou um pouco pela América Latina e a América Central. América do Norte também. Foi acabar no rock que é a mesma batida, incrível, né?"

Estética e Existência

Klebber Maux Dias
klebmaux@gmail.com | colaborador

Destruição e democracia

Os regimes políticos são criados a partir da feroz luta entre a bondade e maldade. Diante desse violento confronto... o sistema político mais suportável é o democrático. Nesse regime, as leis existem para impedir o poder do mal e evitar que a crueldade tenha governabilidade. Toda democracia é construída a partir da subjetividade e incertezas que constituem a natureza humana, isso sempre conduz a democracia para uma administração relativística de poderes, seja para administrar o país e para fazer as leis. A democracia se torna possível através da flexibilidade entre os confrontos violentos das ideias e se constitui na resiliência política, isso se dá quando – na crise – se busca um bem-estar social e a liberdade do cidadão. A democracia seduz pelo humanismo e por ser contra a menor violação da dignidade humana, nessa tese, entende-se que uma má democracia sempre será melhor do que uma atraente ditadura, porque só através da democracia é que se minimiza a maldade. Ao analisar a origem do mal, existe uma perversidade que não surge nas pessoas e origina-se no Estado e nos sistemas de organização social que a transforma em ódio coletivo e organiza a sua manifestação de terror em nome da justiça, da pátria e de Deus. A patologia da maldade dá vazão ao que há de monstruoso – no ser humano – para lançar a perversidade contra o outro, e estimula a incapacidade de sensibilizar-se diante da miséria humana. No século passado, nas décadas de trinta e quarenta, os nazistas assassinaram e queimaram mais de seis milhões de cidadãos e agiam em nome da pureza da raça, da beleza, da virtuosidade e erguiam a bandeira "Deus está conosco". Nos dias atuais, ainda há psicopatas e religiosos que glorificam a maldade em nome de Deus e do Estado, a fim de excluir e lançar a morte cidadãos que são contra os interesses da doutrina de Estado.

O economista e cientista político austríaco Joseph Alois Schumpeter (1883-1950) desacreditava da competência das democracias tradicionais de exercer o autocontrole da governabilidade, porque geralmente os políticos são empresários



Economista austríaco Joseph Schumpeter (1883-1950)

e são escolhidos em votos, e que existe um tipo de democracia que a finalidade é escolher líderes, e não políticas públicas. Schumpeter, no seu livro *Capitalismo, socialismo e democracia* (1942), apresenta o conceito de democracia elitista, que dava às sociedades as vantagens de uma flexível ditadura e mais liberdade. Ao criticar a teoria clássica da democracia, ele desenvolveu um conceito mais realista, conhecida como teoria econômica da democracia. Ele apresentou o princípio da economia criativa como uma forma de impulsionar e inovar os bens e a tecnologia, e a descoberta de um método de produção e comercialização de mercadorias.

As críticas de Schumpeter à teoria clássica da democracia pode ser apresentada nestes dez tópicos: não existe o chamado bem comum, isso pelo simples fato de que, para indivíduos, grupos e classes diferentes, o bem comum significa coisas diferentes; o chamado governo pelo povo é uma ficção, o que existe ou pode existir, é governo para o povo; o governo é exercido por elites políticas que competem no mercado político pela preferência dos eleitores; a concorrência no mercado político é imperfeita e oligopólica; partidos políticos e eleitores atuam na política de maneira semelhante à atuação das empresas e consumidores no mercado econômico; o voto é a moeda através da qual o eleitor compra os bens políticos

ofertados pelos partidos; a soberania popular, embora não seja nula, é reduzida, visto que são as elites políticas que propõem os candidatos e as alternativas a serem escolhidas pelo eleitor; o objetivo primordial dos partidos políticos é conquistar e manter o poder. A realização do bem comum é um meio para atingir este objetivo; a necessidade de maximizar votos impede que os partidos e os políticos sirvam exclusivamente a seus interesses grupais ou de classe.

Na crítica de Schumpeter, para que a vontade dos cidadãos fosse merecedora de respeito seria necessário que os cidadãos soubessem o que desejam. Para ele os eleitores são influenciados por uma irracionalidade e transformados em multidão através dos meios de comunicação, e entram num estado de delírio e faz com que o bem comum seja destruído.

A democracia para Schumpeter deve apresentar estas características: ser um método para se alcançarem decisões políticas – legislativas e administrativas –, e, portanto, não pode ser um fim em si mesma, não importando as decisões que produza sob condições históricas dadas; apresentar um acordo institucional para se chegar a decisões políticas em que os indivíduos adquiram o poder de decisão através de uma luta competitiva pelos votos da população; ter um método para chegar a decisões; legitimar competição pelo voto livre; ser um governo para o bem e aprovado pelo povo. A sobrevivência do regime democrático dá-se pelo respeito e aceitação das regras para harmonizar o desempenho do sistema político e permitir o pluralismo de ideias. A democracia exige lógica e consenso para que possa existir a diferença dos fins.

Na extensão dessa coluna, sinta-se convidado para a audição do 275 Domingo Sinfônico, deste dia 12, das 22h às 0h. Busque no Google radiotabajara.pb.gov.br ou sintonize FM 105.5. Irei apresentar o violoncelista catalão Paul Casals I Defiló (1876-1973). Casals representa a vitória da democracia diante dos regimes autoritários. Ele compôs o hino das Nações Unidas e recebeu a medalha de Paz da ONU.

Kubitschek Pinheiro

kubipinheiro@yahoo.com.br

Obsessivamente curioso

Uns dizem: "Vai ficar tudo bem". Outros repetem: "O mundo nunca mais será o mesmo". Há anos meu filho diz: "Vai dar tudo certo, pai". Certo ou errado estamos em julho e o ano já não existe, não tem significação nenhuma. Outro dia ouvi um popular falando na tevê: "O Brasil tem vários focos da doença". Além do volume dos mortos, permanece o abuso de poder: eu posso, eu posso, eu me aposso.

Está na canção de João Bosco e Aldir Blanc: "A fome e a raiva é coisa dos home". O mundo acabou? Não, o mundo não vai acabar. Os países ricos com suas produções excedentárias distribuirão os excedentes pelos países necessitados. Quem disse isso?

Tais países com seus programas de "desenvolvimento" nas áreas da educação, saúde e economia escambau avançarão? Tenha educação, José!

Parece que todas as campanhas saíram das tumbas em defesa do trabalho infantil que será de uma vez por todas banido da Terra, assim como o tráfico de seres humanos. Mentira.

Os terroristas saíram das telas das séries e filmes e resolveram depor armas, em prol de sociedades democráticas onde as mulheres e os homens tenham direitos iguais, os homossexuais não sejam espancados e discriminados. Mentira.

Agora lembrei da canção de Chico Buarque: "Hoje eu tenho apenas uma pedra no meu peito / exijo respeito / não sou mais um sonhador / chego a mudar de calçada / quando aparece uma flor e dou risada do grande amor mentira".

Eu nunca gostei de pedir dinheiro emprestado a ninguém. Eu acho que dinheiro cada um tem que ganhar pelo seu trabalho. Certa vez, emprestei cem pratas a uma pessoa e quando a encontrava, eu que mudava de calçada. Até hoje somos amigos, mas dinheiro na mão é vendável...

No sentido da desumanidade, vão resolver a crise de refugiados no mundo, cessando conflitos, restaurando a paz nos países em guerra e fomentando programas de reconstrução de infraestruturas arruinadas. Mentira.

A humanidade adora a Natureza, protege florestas e os habitats das espécies em vias de extinção. Gente que pega um cão na rua para adoção – uma raridade. Outros seres não seres, jogados ao turismo sexual infantil sempre vão existir. Eles e elas, ou ninguém por eles ou elas.

Manifestação nas ruas vão denunciar os vaidosos, pois o ouro e os diamantes perderão o valor. Mentira. Serão olhados como pedregulhos. Ao pescoço, nos dedos e nas orelhas das pessoas veremos joias raras feitas de materiais recicláveis. Mentira.

Tal como a fome, a obesidade será erradicada do mundo. Mentira.

Todo dinheiro arrecadado será canalizado para a construção de novos hospitais, moradias dignas, pão, café, leite, feijão, arroz e afins. A cultura será super revalorizada como parte do desenvolvimento humano. Mentira. As pessoas ocuparão muito mais tempo a ler, estudar, assistir filmes, peças de teatro, concertos do que com *fake news*. Mentira.

Saudades de Millôr Fernandes, que obsessivamente curioso disse que o cadáver é que é o produto final. Nós somos apenas a matéria-prima.

Kapetadas

1 - Quer saber? Use máscara. Se já passou a vida inteira com uma, agora é uma questão de sobrevivência;

2 - Agora me digam: Por que não pode separar o sujeito do predicado com vírgula? Às vezes, o sujeito só quer uma pausa, um distanciamento de seus predicados;

3 - Som na caixa: "Eu quero me esconder debaixo dessa sua saia, pra fugir do mundo", Martinho da Vila.



Humorista Millôr Fernandes: "O cadáver é que é o produto final"

Cinema

Alex Santos

Cineasta e professor da UFPB | colaborador

Foto: Divulgação



Maestro italiano Ennio Morricone, um dos compositores mais consagrados de trilhas sonoras do cinema

Perde o cinema um grande mestre das trilhas sonoras

Ninguém melhor do que ele soube sonorizar o cinema, dando-lhe vida e sublimação. Nem mesmo Nino Rota (preferido de Fellini), ou mesmo Ortolani e Chaplin o fizeram com tamanha genialidade.

Na história musical do faroeste, sobretudo o italiano dos meados dos anos 1960, até a década de 70 – naquela época conhecido como western spaghetti, na grande maioria, filmes produzidos nos estúdios Cinecittà –, o compositor/maestro Ennio Morricone foi um dos nomes mais conhecidos a se consagrar pelas trilhas sonoras que produzia. Ele morreu recentemente em Roma, na Itália, onde viveu a missão dos seus gloriosos 91 anos.

Por oportuno, conto agora uma estorinha de um enlevado filho de dono de cinema: *Era uma vez no Oeste*, ao ver no seu cinema *A Missão* (filme cuja trilha sonora de Morricone era das mais belas que conhecia), aquele vivente do dia a dia nos cinemas de seu pai Alexandre, na vizinha cidade de

Santa Rita, arguiu, então, a si mesmo: *Por um punhado de dólares* é possível se ter uma memória heroica como a daqueles mocinhos dos bang-bangs que, cotidianamente, exibia e assistia, sob aplausos da molecada?

Como se a tal curiosidade não bastasse, resolveu reindagar-se: Talvez, *Por alguns dólares a mais*, quem sabe não possa conseguir aquele *Cinema Paradiso* deveras tão sonhado? Porém, logo apareceram os *Três homens em conflito* que dificultaram o sonho “cinemista” de adolescente do filho de “Seu Severino do cinema”.

Deduziu ele, assim: Sem pistolas, nem trejeitos “heroicos”, como encarar aquele inevitável duelo contra os facinorosos “spaghetti”? Apelou, então, para as bilheterias de suas sessões noturnas, que respondiam muito bem àquele tipo de filme de ação e aventuras.

Agora, rebobinando alguns episódios da época de ouro aos tempos de hoje, constata algumas semelhanças, diria coincidências. Dentre elas,

as das idades existenciais entre os dois abissais homens de cinema. Para o garoto daquela época (articulista de hoje), ambos atores foram entregues ao fascínio do que era precioso construir – em música, luz e sombras – para o deleite e entretenimento de muitas gerações de espectadores, proporcionalmente aos seus universos de “trabalho” e de vida.

Tanto meu saudoso pai, Severino Alexandre, incansável empreendedor de salas de cinema, como o grande mestre das trilhas sonoras inesquecíveis, o italiano Ennio Morricone, justamente nos deixaram aos 91 anos de vida...

PS.: Agradeço, honrado, ao “meu vizinho mais próximo”, digno colunista Hildeberto Barbosa Filho, de *Letra Lúdica*, pelas boas referências que me fez, em sua coluna de domingo passado. Na verdade, caro parceiro de Cultura, o Cinema “puro” é que nos “(...) dá um sul à luz das imagens mais amadas” – Mais “coisas de cinema”, acesse nosso blog: www.alexasantos.com.br.



APC: Nota de condolências

A Academia Paraibana de Cinema (APC), na pessoa de sua presidente, a atriz Zezita Matos, em nome de toda diretoria, lamenta a morte do prof. Iveraldo Lucena da Costa, membro da APC, Cadeira 44, cujo Patrono é o escritor José Lins do Rego. Iveraldo foi um incentivador dos movimentos cinematográficos e culturais da Paraíba, desde os tempos em que era Pró-Reitor da UFPB, na gestão de Lynaldo Cavalcanti, quando motivou a criação do Nudoc. Os membros da Academia de Cinema lastimam o seu falecimento.

Música na web

Forrozear promove ‘live’ junina hoje

Foto: Divulgação

Ainda embalado pelo ritmo de São João, a festa junina terá uma apresentação virtual “fora de época” com a banda forrozear, que fará transmissão ao vivo no seu canal oficial do Youtube hoje, a partir das 16 horas.

O show pretende reviver as tradições nordestinas, com música e poesia, lembrando a mais autêntica manifestação cultural da nossa região. A apresentação também contará com a participação especial do forrozeiro Bira Delgado, cantando e declamando, dentro de um cenário com decoração tipicamente junina.

Combinando o forró raiz nordestino com uma pegada mais jovem e alegre, a banda estreou no ano passado e ocupou espaços de shows na cidade de João Pessoa, como em festas privadas, arraiás e bares. O Forrozear conta na sua formação com o sanfoneiro e vocalista Aldo Marques; a bateria de Breno Mendes; a zabumba de Bruno Noronha; além do baixista Marcelo Aprigio.

O grupo traz um repertório diversificado, transitando por todo o universo do forró, fazendo muito xote, baião e rastapé. Além



Banda vai apresentar músicas autorais, bem como sucessos de Gonzagão e Dominginhos, entre outros

das canções próprias, a banda interpreta grandes nomes do gênero como Luiz Gonzaga, Dominginhos, Flávio José, Alceu Valença, Zé Ramalho e Santanna, dentre muitos outros artistas do gênero.

Já Bira Delgado é natural do Moxotó, sertão de Pernambuco, mas vive há quase 40 anos em João Pessoa. Na área musical, participou de várias coletâneas e fez trabalhos com nomes como Ariano Suassuna, Oliveira de Panelas, Dominginhos e Clã Brasil.



Através do QR Code acima, acesse o canal oficial da banda Forrozear

Letra Lúdica

Hildeberto Barbosa Filho

hildebertobarbosa@bol.com.br

Sérgio, o leitor

Faz bem Sérgio de Castro Pinto em arrumar a casa das palavras na altura de seus mais de 70 anos. *O Leitor que Escreve* (Cajazeiras: Arribaça, 2020) vem fechar a trilogia cujos títulos anteriores são *A Casa e seus Arredores* (2006) e *O Leitor que Eu Sou* (2015).

A arrumar a casa das palavras, Sérgio de Castro Pinto já se dispôs ao longo do tempo, implementando, sobretudo, os andaimes da palavra poética, dentro de uma perspectiva, a princípio, seduzido que esteve pelos sortilégios das vanguardas, dos lógico-matemáticos de matrizes valerianas, que teve, em João Cabral de Melo Neto, o modelo exemplar na literatura brasileira.

Gestos Lúcidos (1967) e *A Ilha na Ostra* (1970), ainda atrelados aos pressupostos do grupo Sanhauá, representam bem o ciclo de ofertas de um discurso poético em que a racionalidade do fazer parece comprimir a substância energética de um lirismo afetivo, que começa a se esboçar em *Domicílio em Trânsito e outros poemas* (1983), estendendo-se e se adensando em títulos posteriores, como *O Cerco da Memória* (1993), *Zoo Imaginário* (2005) e *A Flor do Gol* (2014), como que a pressupor que o poema, pelo menos o poema verbal, não só se faz com palavras, mas também com sentimentos, ideias e valores.

Sem dúvida é a poesia a espinha dorsal da aventura criativa em Sérgio de Castro Pinto, assim como ocorre com um Charles Baudelaire, um T. S. Eliot, um Fernando Pessoa, um Jorge de Lima, entre outros poetas que distendem sua escrita para além do verso, num exercício de leitura de que resultaram algumas das páginas mais lúcidas acerca da fenomenologia poética.

A essa espinha dorsal de sólidas ressonâncias estéticas vem se somar, portanto, no formato de sua personalidade sensível e intelectual, a figura singular do leitor. Leitor que não se diz crítico, é verdade, tomando-se o termo “crítico” em sua rigorosa acepção, no sentido de que se tem a exegese das obras alheias como alicerce fundamental do trabalho intelectual e analítico.

Perfeitamente. Sérgio de Castro Pinto não seria este tipo de crítico. Digo, o crítico de formação, institucional, profissional, que exerce a tarefa crítica como função principal no metabolismo de pensar e refletir. Um Álvaro Lins, um Alceu Amoroso Lima, um Antonio Candido, um Wilson Martins, um Virgínius da Gama e Melo, por exemplo. Não obstante, Sérgio de Castro Pinto me parece um leitor, um leitor especial, arguto, desenvolto, aberto, principalmente porque subsidiado pelo conhecimento agudo que possui dos mecanismos internos do fazer literário, poeta que é, e dos mais conscientes e seguros no domínio dos transportes peculiares à coisa literária.

Lendo Mário Quintana, a quem dedicou sua tese de doutorado, e a tantos outros autores, entre notáveis, provincianos e desconhecidos, traz à tona seu itinerário de leitor. Leitor que lê por dentro, a partir da fina intuição dos processos estéticos, mas também lançando mão da indumentária social e política de seu jornalismo literário e cultural. O leitor, aqui, deixando-se acompanhar pelas figuras do jornalista, do editor e do professor, atenta, cada uma no seu campo de mira particular, ao fluir das continuidades e descontinuidades da vida literária.

Alternando textos mais longos e mais densos com textos mais curtos e mais leves, Sérgio de Castro Pinto como que elabora uma radiografia plural da cena literária paraibana e brasileira, estabelecendo um frutífero diálogo com seus pares, sempre demarcado por critérios de evidente compreensão receptiva.

Mesmo nas pequenas dissertações, a exemplo das que contemplam, entre outros, Ana Adelaide, José Leite Guerra, Águia Mendes, W. J. Solha, Expedito Ferraz, Massaud Moisés, Arnaldo Saraiva, João Cabral, Zé Lins e Flávio Tavares, ressalta um traço de técnica ou de estilo, de temática ou de motivação, de cuja serventia o leitor interessado pode tirar proveito no âmbito interpretativo da obra ou do autor de seu gosto ou de sua admiração.

Vejo, assim, este novo livro de ensaios do poeta, do leitor, leitor que escreve, como mais uma tática de expansão de sua escrita que, esclarecendo aspectos curiosos e detalhes determinantes das falas alheias, indiretamente nos leva ao contato com a experiência de sua própria fala e de sua própria poesia.

Pertencente a uma geração já clássica em fase de transição para uma posição canônica, se me valho das categorias de Pedro Lyra, em *Sincretismo: a poesia da geração 60*, e se me situo também no contexto local, o poeta de *O Cristal dos Verões*, com esse *O Leitor que Escreve*, parece organizar seu balancete literário em tempos de plena maturidade. O que me soa bom para seus leitores, para a crítica e para a história literária.



MARACANAÇO

completa 70 anos

Derrota para o Uruguai na final da Copa de 1950, no Maracanã, é um marco inesquecível do futebol brasileiro

Iago Sarinho
iagosarinho@gmail.com

No próximo dia 16, a data mais amarga do futebol brasileiro completará 70 anos. Em um domingo, sete décadas atrás, uma multidão de 200 mil pessoas se reuniu no maior palco do futebol mundial, o Maracanã, estádio recém erguido para a Copa de 1950, a primeira após a segunda grande guerra. Com uma campanha exuberante ao longo do torneio, apenas um empate bastaria para confirmar o título de melhor futebol do mundo para o Brasil. Jogando em casa, ninguém, nem mesmo o mais pessimista dos torcedores, talvez nem o próprio time do Uruguai, imaginava ser possível interromper aquela festa, mas foi. A derrota brasileira por 2 a 1, entrou para a história e ficou conhecida como “Maracanaço”, termo cunhado para sintetizar a dor de uma país diante do fracasso inesperado.

O Brasil chegou com a condição de favorito absoluto para o jogo contra o Uruguai que encerrava o quadrangular final da Copa do Mundo de 1950 – essa foi a primeira e única vez que a competição teve esse formato –, contando ainda com a vantagem de vencer o torneio em caso de empate na partida. Na primeira fase, a equipe havia derrotado o México por 4 a 0 e a Iugoslávia por 2 a 0. Após isso, o time enfrentou na fase final a Suécia e a Espanha, antes de pegar a celeste campeã em 1930. Contra os europeus, duas vitórias consagradoras, 7 a 1 nos suecos e 6 a 1 diante dos espanhóis.

Antes mesmo da definição do quadrangular, o Brasil já havia sido alçado como principal favorito, pois a Inglaterra, que também era vista como forte concorrente do torneio, foi eliminada precocemente, após perder para um time formado por atletas amadores que veio ao Brasil representando os Es-

tados Unidos. Esse talvez tenha sido o maior dos prenúncios de que, no futebol, o resultado só é obtido após o término do jogo. Para o azar dos brasileiros, essa lição, a seleção canarinha, torcedores e a própria imprensa não assimilou em tempo e, assim, o Maracanaço surgiu.

Como diz o dito popular, “quanto maior o salto, maior a queda” e o Brasil parece ter entrado em campo naquele dia usando “pernas” de palhaço. Bandeiras, cartazes e faixas de campeão já haviam sido distribuídas e um verdadeiro clima de euforia tomou conta do país. O Jornal A União do dia 16 de julho de 1950 – disponível nesta matéria –, reverberou esse contexto e o clima de vitória antecipada. Infelizmente, para o Brasil, dois dias depois, a edição de A União – também nessa reportagem – precisou trazer, em vez da festa, o copioso clima de lágrimas e tristeza que assolou o país após a derrota.

O jogo, ainda teve requintes de crueldade em seu enredo, pois as lições no futebol costumam ser duras. Mesmo não fazendo uma boa partida, o Brasil abriu o placar aos dois minutos da segunda etapa com gol de França. Porém, Juan Schiaffino aos 21 minutos e Alcides Ghiggia aos 34 viraram a partida e, mesmo faltando mais de 10 minutos de jogo, diante da surpresa, o superior time brasileiro não teve forças para reverter o placar que entrou para a história como uma das maiores e mais inesperadas reviravoltas já vistas no futebol.

De fato, pela bola, o Brasil merecia vencer o título mundial em 1950, não apenas por conta da competição brilhante que fez até a partida contra o Uruguai, mas sim, pois a seleção, mesmo naquela época, já denotava ao mundo que viria se tornar a grande força do futebol, contudo, ter o melhor time não foi suficiente naquela ocasião. O jornalista e professor da Universidade Federal da Pa-

raíba, Edônio Alves, relembra que antes da Copa de 1950, o Brasil havia feito uma grande apresentação na Copa da França em 1938 – última edição do mundial realizada antes da 2ª Guerra – e saiu da Europa sendo creditado como um dos melhores times do mundo.

“Na Copa da França em 1938, o Brasil despontou com um dos melhores do mundo, foi lá que atletas como Leônidas da Silva e Domingos da Guia se tornaram craques em nível mundial. Mesmo com a interrupção dos torneios por conta da guerra, vínhamos de uma construção histórica que conduzia o time rumo ao título mundial e, até o fatídico jogo contra o Uruguai, nada apontava em sentido contrário”, explicou.

Além disso, dois meses antes, na preparação para a Copa, o Brasil venceu o mesmo adversário por 1 a 0 jogando no Estádio São Januário, também no Rio de Janeiro, mas naquele 16 de julho de 1950 uma amarga lição foi aprendida, ao menos dentro de campo. Talvez, o trauma gerado pelo Maracanaço tenha dado à seleção nacional o ingrediente necessário para se tornar a maior campeã de todos os tempos, começando essa trajetória apenas duas copas depois, em 1958.

A força desse episódio é tamanha que, mesmo 70 anos depois e várias vitórias brasileiras tendo ocorrido em seguida, o “fantasma” do Maracanaço ainda faz parte do imaginário popular, isso, é claro, com auxílio dos uruguaios que fazem questão de relembrar o episódio também registrado como a última conquista do país vizinho em mundiais.

Sem paralelo

64 anos após receber sua primeira Copa do Mundo, o Brasil voltou a ser sede da competição e novamente o final dessa história, para a Seleção Brasileira, não foi positivo. Com cinco títulos acumulados

ao longo dessas seis décadas, a expectativa era que em 2014 o time canarinho pudesse conquistar o hexacampeonato e finalmente erguer a taça dentro de casa, contudo, a equipe, desde o princípio se mostrou instável na disputa e nunca chegou a exibir um grande futebol. Mesmo assim, avançou até as semifinais quando se deparou com o maior vexame do esporte nacional, a derrota por 7 a 1 para a Alemanha – seis anos já fazem da humilhação –.

Dentro e fora de campo, tirando a coincidência de terem ocorrido em mundiais realizados no Brasil, o Maracanaço e o “7 a 1” não revelam outras similaridades. Com seis décadas de distância o Brasil de 1950 tinha muito pouco a ver com o de 2014, dentro e fora de campo. Para Edônio Alves, por mais que sejam marcantes e tenham entrado para a história do futebol, as circunstâncias, razões e análises sobre essas duas derrotas brasileiras não possuem paralelo.

“Eu acho que não há, historicamente falando, um paralelo entre essas duas experiências ruins da Seleção

Brasileira. Para mim, no primeiro caso, houve um drama que redundou em um trauma, já em 2014, ocorreu uma humilhação que resultou em um castigo. O contexto de 1950 é o de um país que se projetava para o mundo e vinha em uma caminhada de eminente sucesso no futebol. Já em 2014, o Brasil vinha de uma eliminação na Copa de 2010 para a Holanda e com um time que apresentava uma característica comum ao futebol brasileiro que é o descontrole emocional, relembrou”.

Diferente de 1950 quando o país criou uma expectativa que foi abruptamente quebrada pelo Maracanaço, resultando em uma grande comoção nacional, em 2014 esse efeito não ocorreu diante do 7 a 1. Quando a Seleção Brasileira encontrou a Alemanha na semifinal, o sentimento do país era diferente, havendo, inclusive, maior separação entre a lógica de nação e a torcida pela seleção. Para Edônio, no último mundial no Brasil, entraram em jogo dois processos civilizatórios completamente distintos, algo que não se

aplica à final entre brasileiros e uruguaios 70 anos atrás. No período do mundial de 2014, o Brasil passava por uma série de problemas econômicos e políticos, tendo, inclusive, diversos movimentos sociais contrários à realização da própria Copa do Mundo no país. Além disso, enquanto entidade, a CBF que era presidida na época por José Maria Marin – banido do futebol em 2015 e preso nos Estados Unidos em 2017 por conta de um escândalo que envolveu diversos dirigentes do futebol em nível mundial – vivia um momento de completo descrédito dentro e fora de campo, bem diferente do clima de 1950.



Acesse o QR Code acima e assista o documentário sobre a Copa





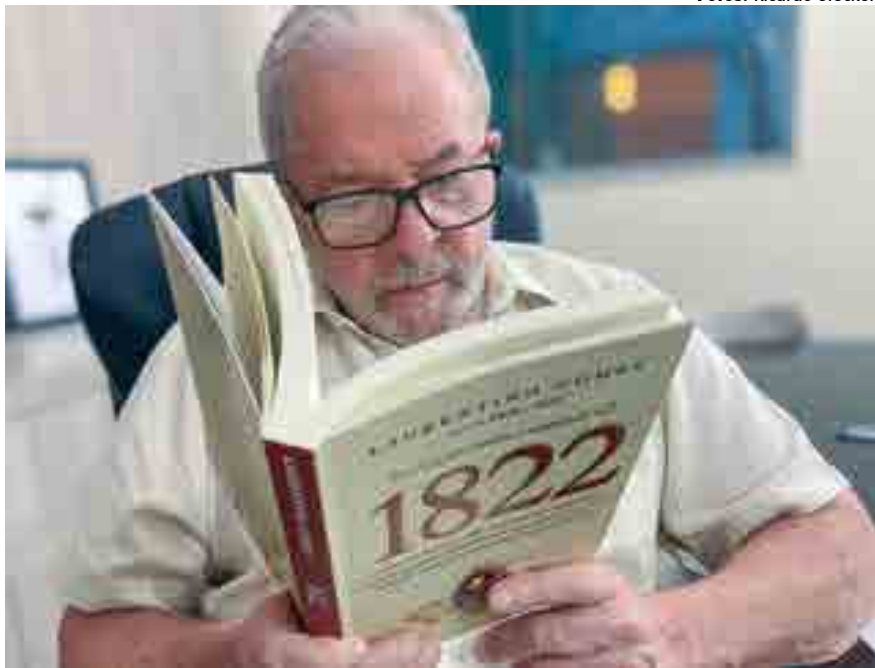
Foto: Arquivo Nacional

Tragédias são “parteiras” de grandes mudanças, diz Lula

Em entrevista exclusiva, ex-presidente fala de quarentena, dos 40 anos do PT, do ódio da “casa grande” a ele e ao partido, de condenação sem provas e diz que não é possível construir “frente” com quem apoiou o golpe de 2016

Lúcio Vilar
Especial para A União

Cumprindo a quarentena à risca, o ex-presidente Lula (PT) está com o discurso ainda mais afiado ao ser abordado sobre os temas candentes da sociedade brasileira neste momento em que o país assiste à mais grave crise sanitária de sua história. Seu desejo é percorrer o Brasil e fazer o que mais gosta: conversar com as pessoas dos “quatro cantos”, como sempre fez. “Como isso não é possível, o jeito é lutar com as armas que as novas tecnologias nos permitem”, diz ele. “Lives” e entrevistas estão na sua agenda, onde mantém no foco da luta pela recuperação da imagem do país que, segundo sua análise, foi dilacerada no exterior, dado ao desmonte da diplomacia brasileira, da previdência, da saúde, da educação, da cultura e dos direitos sociais. Além de falar da necessidade do “fora Bolsonaro”, também advoga se posicionar contra a agenda ultraliberal do ministro da Economia Paulo Guedes (e sua abjeta necropolítica) e não abre mão de preservar a esperança. “Final, são as tragédias, historicamente, ‘parteiras’ das grandes mudanças”, defendeu ele em entrevista exclusiva para A União, em que também respondeu às críticas aos seus dois governos. Ele garante que o PT, aos 40 anos, não precisa “ir ao divã”. A seguir, a entrevista na íntegra:



Fotos: Ricardo Stuckert

“A quarentena para mim é uma espécie de segunda prisão, porque me impede de fazer o que mais gosto, e que não pude fazer nos 580 dias confinado na prisão política em Curitiba, que é estar junto do povo brasileiro”

Com saudades de andar pelo país, Lula diz que tem passado os dias lendo, se exercitando, cozinhando e namorando

A entrevista

Seu biógrafo Fernando Morais postou recentemente numa rede social que o senhor está, literalmente, no ringue: “Para permanecer em forma e aliviar as tensões, faz esteira, puxa ferro e treina boxe”. É isso mesmo? Como tem sido sua quarentena?

■ Tenho cumprido minha quarentena à risca, para me proteger e às outras pessoas. Fico em casa, cuido da saúde física e mental, faço exercícios, me informo sobre o que se passa no Brasil e no mundo, leio um livro, dou entrevistas pela internet, participo de “lives”, cozinho, ajudo na faxina. E namoro também, porque ninguém é de ferro. Costumo dizer que a quarentena para mim é uma espécie de segunda prisão, porque me impede de fazer o que mais gosto, e que não pude fazer nos 580 dias confinado na prisão política em Curitiba, que é estar junto do povo brasileiro. Eu queria estar viajando por este país, visitando a Paraíba, conversando com as pessoas, ouvindo o que elas têm a dizer, aprendendo, trocando ideias, pensando juntos em saídas para este trágico momento político e econômico que estamos vivendo. Mas agora é hora de ficar em casa e lutar à distância, com as armas que a tecnologia nos oferece.

Que Brasil é este hoje, transcorridos 19 meses do governo Bolsonaro e com uma pandemia em ascensão no meio do caminho que já ceifou a vida de mais de 60 mil brasileiros?

■ Infelizmente, este é um Brasil irremediável, o oposto daquele país mais desenvolvido, mais justo e mais feliz que os

governos do PT estavam construindo e que foi interrompido pelo golpe de 2016. O Brasil é hoje um país totalmente desacreditado no exterior, dominado pelo ódio de uma extrema-direita que não preza a saúde, a educação, a segurança, os direitos, a cultura e o bem-estar das pessoas. Um país e um povo vítimas de um governo que não preza sequer a vida, que assiste indiferente à morte de 60.813 pessoas, isso só até agora nesta tarde de quinta [2 de julho]. Mas se tem uma coisa que eu não abro mão é de ter esperança. Em 2003, nós pegamos o Brasil arrasado por oito anos de políticas neoliberais e

“O Brasil é hoje um país totalmente desacreditado no exterior, dominado pelo ódio de uma extrema-direita que não preza a saúde, a educação, a segurança, os direitos, a cultura e o bem-estar das pessoas”

fizemos uma revolução pacífica. Não fizemos tudo o que queríamos, mas fizemos muito: construímos a infraestrutura necessária para o país crescer; criamos mais de 20 milhões de empregos com carteira assinada; incluímos o pobre no orçamento; levamos saúde a periferias e comunidades que nunca tinham visto um médico; espalhamos universidades e escolas técnicas pelo país afora; colocamos jovens pobres e negros no ensino superior; pagamos a dívida externa e nos tornamos credores do FMI, nos tornamos exemplo para o mundo. Eu tenho fé que nós vamos reconstruir este país de novo.

“O governo deveria ter priorizado o acesso da população aos bens sociais, e não aos bens pessoais. Com isso, se criou

uma nação de consumistas e não de protagonistas políticos”. Como o senhor recebeu essa crítica assinada pelo Frei Betto sobre os governos do PT?

■ Tenho o maior carinho e o respeito pelo Frei Betto, mas o que fizemos foi priorizar os direitos básicos que as pessoas precisavam e que nossa constituição só garantia na teoria: alimentação, moradia, educação. Tiramos o Brasil do mapa mundial da fome. Não dá para ter protagonismo político de barriga vazia. Em segundo lugar, quando incluímos os pobres no orçamento, nós criamos um mercado consumidor interno forte, que foi o grande responsável por sairmos praticamente ilesos do tsunami que foi a grande crise econômica mundial de 2008. Ou seja, criar uma nação onde as pessoas tenham direito ao básico foi fundamental naquele momento. Em terceiro lugar, veja o que nós fizemos pela educação. Durante os governos do PT, todos os indicadores melhoraram de forma extraordinária: tempo de permanência em sala de aula, nível de aprendizagem, conclusão do ensino médio, acesso ao ensino superior, tudo

“Durante os governos do PT, todos os indicadores melhoraram de forma extraordinária (...) tudo melhorou para todos, mas, sobretudo, para os mais pobres. O protagonismo começa pelo conhecimento”

melhorou para todos, mas, sobretudo, para os mais pobres. O protagonismo começa pelo conhecimento. E conhecimento é um bem que

ninguém tira desses jovens que agarraram com unhas e dentes as oportunidades criadas pelos nossos governos.

Estatisticamente já foi demonstrado por pesquisas e estudos acadêmicos que as mídias corporativas desenvolveram uma campanha sistemática contra o PT e ao senhor, em particular. De onde vem tanto ódio à sua pessoa que, inclusive, durante seus governos chegou a socorrer algumas dessas emissoras?

■ É o ódio da “casa grande” contra todo aquele que sai da “senzala” e mostra que pode fazer muito mais e melhor do que a elite. A elite deste país tinha um roteiro pronto para mim e para todos os brasileiros de origem pobre. Só que nós mostramos que é possível reescrever esse roteiro. Nós mudamos a história. No meu caso, a oportunidade veio em forma de um diploma de torneio mecânico.

Para milhões de jovens, veio na forma de políticas públicas, sobretudo na área da educação, que lhes permitiram exercer o potencial que estava represado. A mídia corporativa e a elite, que aliás são uma coisa só, não odeiam apenas o Lula: odeiam também o filho do pedreiro que virou doutor e a filha da empregada que entrou para a universidade. Se depender dessa elite, o Brasil será sempre um sistema de castas: quem nasceu pobre está condenado a ser pobre, quem nasceu rico vai ser ainda mais rico. Nós provamos que é possível criar oportunidades iguais e acabar com as castas.

Continua na Página 14



“Condenação foi fraude”

Lula acredita que terá direito à justiça

Era do ódio e da insanidade abriu caminho para o FASCISMO

O que o senhor ainda espera do STF em relação às condenações (sem provas, segundo sua defesa) e a suspeição do ex-juiz Sérgio Moro?

■ Eu espero que a justiça seja restabelecida neste país. Da mesma forma que está chegando ao fim a era do ódio e da insanidade que abriu caminho para a ascensão do fascismo, eu acredito que o tempo do 'lawfare', das perseguições judiciais a adversários políticos também está com os dias contados. O Moro e os procuradores da Lava Jato não fariam o que fizeram sem o apoio irrestrito da grande mídia, e este conluio conseguiu por um tempo encurralar o STF. Mas se o Brasil tem alguns poucos juizes e procuradores que se julgam acima da lei, tem também uma legião de operadores do Direito que nunca deixaram de acreditar na Justiça. O tempo das intimidações acabou. Então, acredito que, quando os ministros do STF finalmente julgarem o meu processo, analisando as provas de forma técnica e imparcial, vão confirmar o que juristas do mundo inteiro já declararam: a minha condenação foi uma fraude e serviu unicamente ao objetivo de me tirar da disputa eleitoral. Acredito que terei, finalmente, direito à justiça.

- Com 40 anos, o PT ainda precisa “ir ao divã”?

■ O PT não é apenas uma sigla ou suas lideranças. O PT são milhões de brasileiros e brasileiras que acreditam e trabalham pela construção de um país melhor, mais solidário, soberano e com inclusão social. Passamos 40 anos nos autoanalisando, fazendo autocrítica, debatendo, pesando acertos e erros, muitas vezes divergindo internamente para mais adiante chegarmos ao consenso. Há quem acredite que é loucura

acreditar e trabalhar pela democracia em tempos de fascismo. Mas a gente não vai esquecer, porque o PT foi criado e para quem: para promover a inclusão social do povo trabalhador deste país.

Torcidas organizadas tomaram a dianteira nas manifestações antifascistas no Rio de Janeiro e em São Paulo. Os partidos de esquerda podem estar perdendo o protagonismo político?

■ A criminalização dos partidos foi a grande armadilha montada pela direita e pela mídia, com a Rede Globo jogando de ponta de lança. A criminalização da política abriu caminho para a ascensão do que de pior este país já produziu na política. Não vamos cair outra vez nessa armadilha. Os partidos de esquerda não só sobreviveram como estão mostrando que são fundamentais para a retomada da democracia. Isso posto, devo dizer que foi lindo ver a torcida do meu Corinthians lado a lado com a do arquirrival Palmeiras nas manifestações contra o fascismo. Isso mostra que a luta é de todos, independente da cor da camisa: flamenguistas, vascaínos, cruzeirenses, atleticanos, torcedores do Grêmio e do Internacional, do Treze e do Campinense. A luta é em defesa da democracia. E juntos nós podemos ganhar de goleada.

Ainda é possível sentar à mesma mesa com Ciro Gomes e FHC ou isso está fora de cogitação?

■ Toda vez que falam em frente ampla, eu pergunto: frente ampla a favor de quem, contra quem, e pelo quê? É mais do que urgente uma união das forças progressistas, mas sempre em torno de temas centrais. O primeiro ponto inegociável é o impeachment do Bolsonaro, pelos crimes de responsabilidade contra o Brasil e o povo brasileiro. O segundo ponto, tão inegociável quanto o primeiro, é o fora Guedes e sua “necropolítica” econômica que levou o povo trabalhador ao desespero. Não dá para sentar na mesma mesa com quem apoiou o golpe de 2016 e os muitos outros golpes desferidos contra a democracia, com quem se omitiu na hora de escolher entre um acadêmico democrata e um fascista defensor das milícias e da tortura, e com quem vota a favor da destruição dos direitos trabalhistas e da privatização da água, por exemplo.

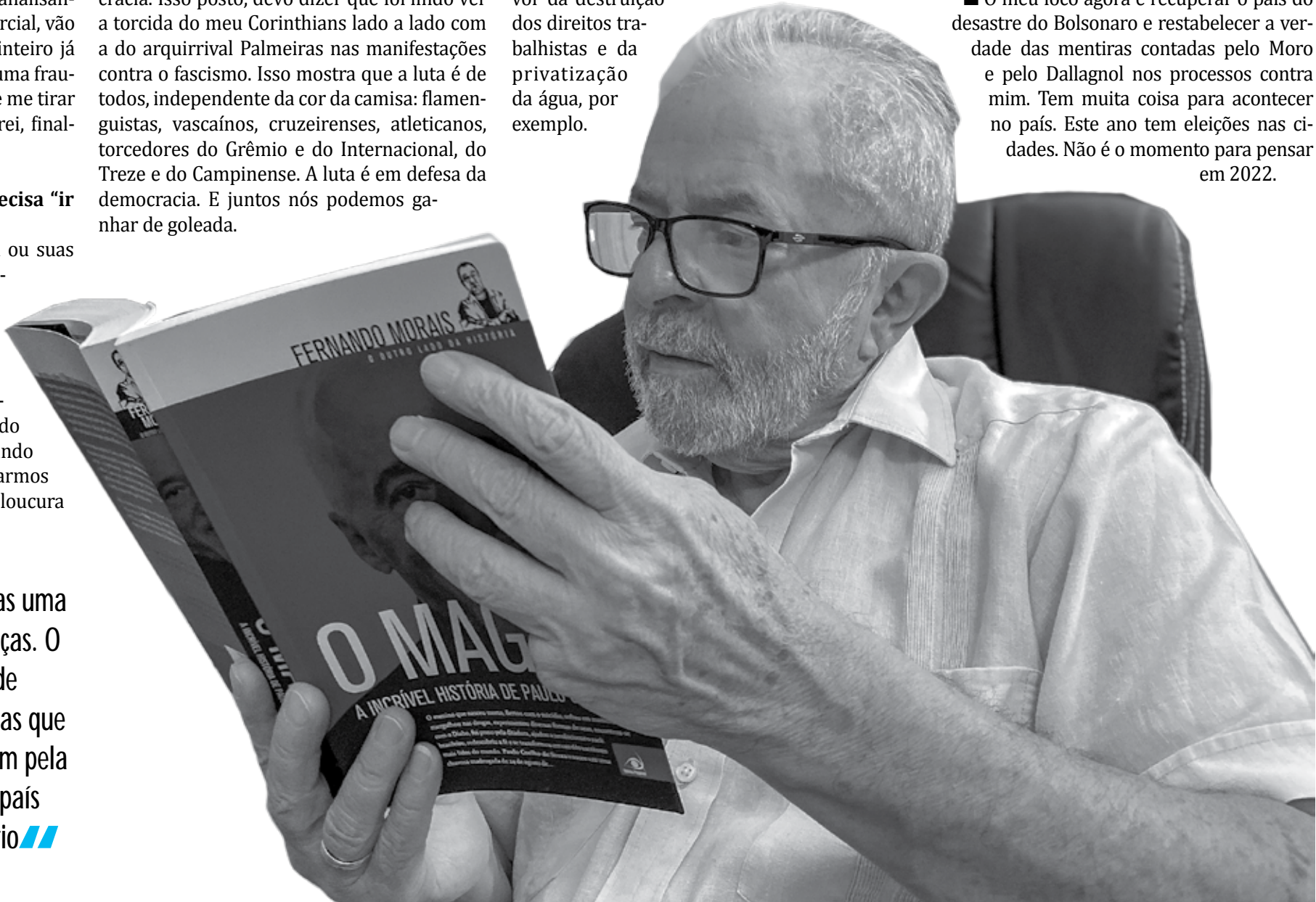
Em “live” coletiva no 1º de maio, o senhor disse que, historicamente, as tragédias costumam ser “parteiras” das grandes mudanças. Que combustível alimenta e mobiliza tanto otimismo?

■ Meu otimismo vem, em primeiro lugar, do fato de que nasci onde nasci, nas condições em que vivi, e de não ter morrido antes dos cinco anos de idade. E vem também do exemplo histórico de que a tragédia do neoliberalismo do Fernando Henrique foi sucedida pelas mudanças mais extraordinárias que este país viveu em toda a sua história. A luta agora é de novo contra o neoliberalismo, e nós sabemos como vencê-lo, porque já o derrotamos uma vez, e já reconstruímos esse país após os seus feitos.

Em sendo verdade que o senhor está “no ringue”, 2022 segue, portanto, no seu radar político, correto?

■ O meu foco agora é recuperar o país do desastre do Bolsonaro e restabelecer a verdade das mentiras contadas pelo Moro e pelo Dallagnol nos processos contra mim. Tem muita coisa para acontecer no país. Este ano tem eleições nas cidades. Não é o momento para pensar em 2022.

///O PT não é apenas uma sigla ou suas lideranças. O PT são milhões de brasileiros e brasileiras que acreditam e trabalham pela construção de um país melhor, mais solidário///





Quando os paulistas foram às armas contra o governo Vargas

Revolução Constitucionalista de 1932 durou quase três meses de combates com centenas de mortes e acabou com a rendição de SP

José Maria Tomazela
Agência Estado

“Corre, Joaquim, corre pra casa”, gritou o pai, enquanto o menino de quase cinco anos via a esquadrilha mergulhando do céu em um rasante assustador. “Antes de ouvir o ronco, pensei que eram urubus. Os aviões eram tantos que chegavam a cobrir o sol”, recorda-se Joaquim Vintino Alves, hoje com 92 anos, puxando pela memória aquele longínquo inverno de 1932. Ele estava com o pai e os irmãos José, João e Pedro na lavoura de café quando as “máquinas voadoras” surgiram.

“Eram 10 ou 10 e meia da manhã e, apesar do sol, fazia frio. Meu pai e meus irmãos capinavam o café. Quando viu aquele colosso de aviões, meu pai mandou que eles jogassem as enxadas embaixo do cafezal e corresse para casa. Eu também corri, mas era criança e não tinha medo. Eles entraram em casa e eu fiquei ali fora, olhando aquele monte de avião. Eram dez ou quinze, quase batiam um no outro.” A esquadrilha desapareceu no horizonte.

Só muito depois Joaquim entendeu por que o pai mandou os filhos jogarem as ferramen-

tas. “Os pilotos conseguiam ver a gente e poderiam confundir as enxadas com fuzil e atirar em nós”, explicou. O sítio da família ficava no lado mineiro da divisa com São Paulo. Joaquim soube depois que um dos aviões soltou uma bomba em uma área de mata onde haveria uma trincheira. “Onde caiu, abriu um limpo de 10 metros de largura. Roçou tudo.” O aposentado nunca soube se os aviões eram federais ou paulistas. “Por causa do sol, não dava para enxergar a cor deles, só o vulto.”

Alguns dias depois, dois soldados chegaram ao sítio dos Alves pedindo comida. “Eles estavam à paisana, com a mala e o fuzil nas costas. Não tinha comida pronta e meu pai deu mantimentos para eles. Minha mãe ficou assustada, pediu que eu não abrisse a boca. Eles ficaram um pouco por ali e depois foram embora. Não sei se estavam indo para a guerra ou estavam fugindo dela.”

Aos 18 anos, Joaquim se mudou para Mogi Mirim, mas nunca se esqueceu daqueles episódios. Sua família, porém, não se envolveu na guerra. “Não tinha por quê. Aquele tempo era bom, não tinha ladrão como hoje. Paulista e mineiro era tudo

gente boa, não dá para entender porque eles brigaram.”

De tanto ouvir as histórias do avô, o neto Ed Alípio se interessou pela revolução e passou a pesquisar o papel de Mogi Mirim durante o conflito. Há sete anos ele vai às escolas e conta aos alunos as histórias da guerra paulista, mostrando artefatos e documentos. Na segunda-feira, dia 6, quando acompanhava a reportagem na antiga estação da Mogiana, mesmo de máscara, Alípio foi reconhecido pelos estudantes Samuel Souza Tobias, de 18 anos, e Gustavo Carvalho dos Santos, de 19.

Os dois contaram que, depois da aula dada pelo pesquisador, passaram a se interessar pela história de 1932. Ambos se lembraram de uma passagem em que um grande grupo de voluntários foi convidado e embarcar em um trem de onde iriam para um treinamento. “Quando se deram conta, estavam na frente de batalha, debaixo de fogo de verdade”, lembrou Samuel, que pretende seguir carreira militar. Gustavo, que estuda para o Exame Nacional do Ensino Médio (Enem), disse que a revolução foi importante para “São Paulo ser o que é hoje”.

Para entender o conflito armado

Para entender a Revolução de 32, é preciso voltar dois anos na história. Tudo começou com a revolução liberal de outubro de 1930, que levou Getúlio Vargas ao poder. Ele assumiu a Presidência do Brasil em caráter provisório, mas com amplos poderes. Todas as instituições legislativas foram abolidas, desde o Congresso Nacional até as Câmaras Municipais. Em outubro de 1930, a Constituição foi abolida. No lugar dos governadores, Vargas nomeou interventores nos estados.

Com o passar do tempo, começou a haver insatisfação popular e pedidos de redemocratização, com a elaboração de uma nova Constituição e a eleição para presidente. A elite paulista estava insatisfeita após ter perdido poder. Em maio de 1932, um protesto em São Paulo foi reprimido violentamente pela polícia resultando na morte de quatro estudantes.

Em 9 de julho de 1932 teve início a revolta. No dia 12 de julho iniciaram-se as operações militares. Formaram-se diversas frentes de batalha nas divisas com o Rio de Janeiro, Minas Gerais, Paraná e também no Litoral. Os paulistas conseguiram reunir 35 mil combatentes voluntários, com amplo apoio da população do Estado. Porém, eles tiveram que enfrentar 100 mil soldados do Governo Federal, mais bem armados e

equipados, inclusive, com muitos aviões. São Paulo esperou ter apoio de outros estados, como Minas Gerais, mas acabou lutando sozinho.

Os combates resultaram em 830 mortos entre as forças revoltosas. Historiadores falam em até mais de 2 mil vítimas. Em 2 de outubro, na cidade de Cruzeiro, as tropas paulistas se rendem ao líder da ofensiva federal e no dia seguinte, 3 de outubro, assinam a rendição. Os combates duram mais dois dias.

Apesar da derrota militar, em 1993 uma Constituinte foi eleita e a Constituição promulgada em 1934. Em 1935, novos governadores foram eleitos.



Através do QR Code, saiba mais sobre a Revolução de 1932

'Bunker' usado pelas tropas paulistas será revitalizado

José Maria Tomazela
Agência Estado

Há 88 anos, quando os paulistas empunharam armas em defesa da Constituição, no Nove de Julho, as tropas revolucionárias usaram um abrigo subterrâneo, em Mogi Mirim, interior de São Paulo, para proteger explosivos, munições e a própria integridade de seus soldados dos bombardeios da aviação federal. O 'bunker' da Revolução de 32, um abrigo subterrâneo de



17 metros por 2,1 de altura, acaba de ganhar um projeto de restauração. O governo estadual liberou R\$ 90,8 mil para recuperar a estrutura

e executar no entorno um projeto paisagístico e outros R\$ 145 mil para a sinalização turística da cidade, incluindo o Roteiro de 32.

'Bunker' construído em 1920 foi usado pelas tropas paulistas durante a Revolução Constitucionalista

A construção do "bunker" é dos anos 1920, quando o terreno pertencia ao Instituto Disciplinar de Menores do Estado.

O que o pesquisador e turismólogo da prefeitura Ed Alípio tem como certo é que, em 1932, as tropas paulistas ocuparam o local, estrategicamente plantado junto ao Rio Mogi Mirim e à ferrovia Mogiana. "A cidade era um entroncamento ferroviário importante. Ali passavam as tropas vindas de São Paulo e Campinas rumo ao

frente Leste, na divisa com Minas Gerais. Por isso, ela era visada pelos 'vermelhinhos', os aviões da esquadrilha federal. O abrigo protegia armas, munições e os combatentes", explica Alípio.

Com a entrada estreita - pouco mais de um metro quadrado - protegida por um bosque, o bunker ficava praticamente invisível em meio à vegetação. Mesmo quando o Exército federal invadiu a cidade, no início de setembro, o abrigo permaneceu protegido.



De perfil conservador e família de políticos, Afonso Arinos, quando era deputado federal pela UDN, foi o autor da primeira lei antirracista do Brasil

Primeira lei antirracismo teve valor mais histórico que prático

Branda e ineficaz, ela foi criada a partir da indignação causada pela recusa de um hotel de SP em hospedar uma dançarina negra

Ricardo Westin
Agência Senado

Involuntariamente, há 70 anos, a turnê que a célebre dançarina e coreógrafa americana Katherine Dunham fazia pelo Brasil acabou por interferir nos rumos da história do país. Na noite de 11 de julho de 1950, em sua estreia no Teatro Municipal de São Paulo, ela aproveitou o intervalo entre o primeiro e o segundo ato para fazer uma denúncia aos repórteres que cobriam o espetáculo. Revoltada, a artista relatou que, dias antes, o gerente do Esplanada, o luxuoso hotel vizinho do teatro, se recusara a hospedá-la ao descobrir que era uma "mulher de cor".

O cinco-estrelas paulistano mexeu com a pessoa errada. Além de especializada em danças de origem africana, Dunham era antropóloga e ativista social — orgulhosa, portanto, de sua pele negra.

A denúncia de racismo caiu no país como uma bomba. Primeiro, por ter partido de uma estrela de renome internacional. Depois, porque o Brasil se julgava o mais perfeito exemplar de

democracia racial. O Correio Paulistano classificou o episódio de "revoltante incidente". O Jornal de Notícias, de "odioso procedimento de discriminação". Para o sociólogo Gilberto Freyre, autor do clássico livro Casa Grande e Senzala, aquele "ultraje à artista admirável" fazia o Brasil "amesquinhar-se em sub-nação".

De todas as reações, de longe a mais contundente partiu do deputado federal Afonso Arinos (UDN-MG). Na segunda-feira seguinte, dia 17 de julho, ele apresentou à Câmara dos Deputados um projeto de lei para transformar determinadas atitudes racistas em contravenção penal.

O projeto de lei avançou ao longo dos meses seguintes sem polêmicas ou grandes debates. A aprovação na Câmara e no Senado foi por unanimidade. Em 3 de julho de 1951, o texto aprovado ganhou a assinatura do presidente Getúlio Vargas e entrou em vigor com o apelido de Lei Afonso Arinos.

Afonso Arinos morreu em 1990, aos 84 anos de idade, em pleno mandato como senador pelo PSDB do Rio de Janeiro. Katherine Dunham, em 2006, aos 96 anos.

Ativismo negro e reação da elite

O ativismo negro começou a se estruturar mais solidamente na década de 1930. Após o silêncio imposto por Getúlio Vargas na ditadura do Estado Novo (1937-1945), a militância voltou com força total na segunda metade da década de 1940.

Os militantes ganharam um impulso importante em 1948, quando a Organização das Nações Unidas (ONU) aprovou, com o voto do Brasil, a Declaração Universal dos Direitos Humanos, que diz que todos são iguais perante a lei, sem nenhum tipo de discriminação, inclusive por cor ou raça.

Nessa mesma época, os Estados Unidos e a África do Sul eram regidos por leis racistas e segregacionistas. Os conflitos raciais

eram frequentes. Os políticos brasileiros estavam apavorados diante da possibilidade de o mesmo tipo de violência se repetir no país, fomentado pelo movimento negro.

Em 25 de agosto de 1950, durante as discussões na Câmara, o deputado federal Hermes Lima (UDN-DF) propôs que se incluisse no projeto de Arinos a proibição "da formação de 'frentes negras' ou de quaisquer modalidades de associação com fins políticos baseadas na cor".

Arinos se manifestou a favor da proibição. Para ele, as organizações negras deveriam ser eliminadas porque alimentariam o racismo dos negros contra os brancos. A emenda de Lima, contudo, não foi aprovada.

Legislação para virar letra morta

No Senado, um dos relatores do projeto de Arinos foi Alberto Pasqualini (PTB-RS). O senador advertiu que a proposta, sendo convertida em lei, corria o risco de virar letra morta: "O que caracteriza a contravenção é a causa de recusa, isto é, a sua fundamentação em motivos de raça ou de cor. Na prática, entretanto, essa causa poderá assumir formas disfarçadas. O projeto, por exemplo, considera contravenção obstar a alguém o acesso a qualquer ramo das Forças Armadas por motivo de raça ou de cor. O candidato, porém, poderá ser recusado

em inspeção de saúde não por esse motivo, mas por possuir dentes em más condições".

Pasqualini tinha razão. Até ser revogada, em 1989, a Lei Afonso Arinos nunca saiu do papel. Apesar de os jornais continuarem noticiando episódios de racismo com frequência, praticamente ninguém foi para a cadeia. Por um lado, delegados de polícia e juizes não fizeram a lei valer. Por outro, muitas pessoas negras não denunciaram a discriminação, temendo que a polícia e os tribunais acabassem se voltando contra elas próprias.

Momento histórico no Congresso

A escravidão havia sido abolida seis décadas antes, em 1888, mas os negros continuavam sendo vítimas de preconceito e ocupando as posições mais baixas da sociedade sem que o poder público se preocupasse com isso.

Os Arquivos do Senado e da Câmara, em Brasília, guardam documentos da época. Arinos, na justificativa do projeto de lei: "A tese da superioridade física e intelectual de uma raça sobre outras, cara a certos escritores do século passado, como Gobineau, encontra-se hoje definitivamente afastada graças às novas investigações e conclusões da antropologia, da sociologia e da história. Atualmente ninguém sustenta a sério que a pretendida inferioridade dos negros seja devida a outras razões que não ao seu status social", escreveu Arinos.

Embora já tivesse mesmo sido derubado pela própria ciência, o racismo científico permanecia arraigado e ainda fazia a cabeça de muita gente, como o

deputado Plínio Barreto (UDN-SP), um dos relatores do projeto de Arinos na Câmara. Seu relatório, contudo, foi favorável à proposta. "O preto, o índio e o português concorreram para a formação do nosso povo... Temos que aceitar a herança africana com os seus ônus e com as suas vantagens... Seja um bem, seja um mal, seja uma coisa que nos orgulhe, seja uma coisa que nos deprima, é essa a realidade".



Denúncia de Katherine Dunham impulsionou o debate

Feita para 'acalmar' insatisfações

O deputado Afonso Arinos vinha de uma tradicional família de políticos. A Câmara dos Deputados marcou a entrada de Arinos na vida política. Ele pertencia à União Democrática Nacional (UDN), partido manifestamente elitista e hostil às políticas sociais do getulismo. Em 1964, Arinos apoiou o golpe que implantou a ditadura militar.

Adversários sugeriram que Arinos apresentasse seu projeto antirracista com intenção eleitoreira. Ele se defendeu: "Não é verdade que a iniciativa vise ao apoio do eleitorado negro... As acusações de demagogia, eleitoralismo e exibicionismo

não me intimidam".

O doutor em História Walter de Oliveira Campos, autor de uma tese na Universidade Estadual Paulista (Unesp) sobre a Lei Afonso Arinos, discorda: "Esse é um momento em que o Brasil se urbaniza e se industrializa. O processo de desenvolvimento e prosperidade melhora a qualidade de vida de boa parte da população. Os negros percebem que não estão sendo beneficiados e começam a se organizar para cobrar mudanças. Ao aprovar a Lei Afonso Arinos, o poder público dá a entender que já tomou as medidas necessárias contra o racismo".

Da ineficácia à política de inclusão

Em seus quase 40 anos de vigência, a Lei Afonso Arinos também foi enfraquecida pela negação do racismo. A historiadora Monica Grin, professora da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e autora de uma pesquisa sobre a Lei Afonso Arinos, diz: "A lei foi elaborada para não funcionar mesmo. Ela viria com o objetivo de 'estaurar' o poder do mito da democracia racial. Daí ter sido uma lei branda, de eficácia relativa e pouco acionada". E acrescenta: "A Lei Afonso Arinos

produziu um resultado perverso para a luta do movimento negro".

Quando o movimento negro ensaiava uma rearticulação, após uma década enfraquecido pela força simbólica da Lei Afonso Arinos, veio o golpe militar de 1964, silenciando o ativismo social. Foi só com a redemocratização e a Constituição, na década de 1980, que o racismo passou a ser encarado com rigor. O foco mudou da punição dos atos racistas para a inclusão social da população negra.

Frágeis, falésias sofrem o impacto da ação humana

Apesar de serem protegidos por lei, esses imensos paredões no litoral do Brasil estão ameaçados

Alexandra Tavares
lekajp@hotmail.com

Paredões íngremes, presentes no litoral de quase todo o mundo, as falésias são resultantes dos processos erosivos naturais que ocorrem há milhões de anos. Essa erosão pode ser marinha, fluvial ou pluvial. O biólogo, escritor e professor do Centro Universitário de João Pessoa (Unipê), Boisbaudran Imperiano, ressalta que as falésias litorâneas são ambientes frágeis e susceptíveis a desgastes na sua base, pela ação das chuvas, do vento, das ondas e correntes marinhas. Há ainda degradação provocada pelas ações antrópicas (influência do homem).

Essas escarpas são consideradas Áreas de Preservação Permanente (APP) conforme a Lei Federal 12.651/2012 (Lei de Proteção à Vegetação Nativa) que, segundo Imperiano, é chamada erroneamente de Código Florestal. "A Lei citada proíbe qualquer tipo de ocupação numa faixa de

cem metros, contados da sua borda", salientou. No litoral de João Pessoa, a barreira do Cabo Branco, situada na praia do Cabo Branco, é conhecida por todos. Ano após ano, a falésia foi sofrendo degradação e as ações que possam contê-la desafiam os gestores públicos.

Boisbaudran Imperiano ressalta que, muito embora sejam protegidas pela legislação federal, existem em todo o mundo ocupações irregulares ou não autorizadas nas bordas de muitas falésias, bem como acúmulo de lixo e entulho que trazem prejuízos à natureza.

Na falésia do Cabo Branco, o professor afirma que, além dos agentes erosivos marinhos, a construção de vias próximas da sua borda (estrada asfaltada e calçada) aumenta a incidência de desmoronamento de terra na barreira, principalmente em períodos chuvosos. "Existem muitas ocupações irregulares ou não autorizadas em bordas de falésias, que causam fortes impactos ambientais", reforçou.



Conter desgaste é desafio à gestão pública

O geógrafo Henrique Gutierrez, do Laboratório de Planejamento e Gestão Ambiental (Laplag), que pertence ao Departamento de Geociências da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), afirma que atividades humanas como desmatamento e até a inclinação e o material que constituem a barreira podem impactar na sua estrutura. "Em relação aos materiais mais erosíveis (suscetível de erosão), basta pensarmos que em boa parte do litoral da região Sudeste e Sul do Brasil, a ação marinha não é tão impactante, porque tais formações são constituídas por rochas mais resistentes - rochas ígneas e metamórficas, a exemplo do que acontece nas cidades de Torres, no Rio Grande do Sul, ou no Rio de Janeiro. Diferente do que acontece, por exemplo, no litoral Sul da Paraíba, constituída por uma geologia sedimentar".

Desafios

Mas por que, mesmo após uma série de estudos realizados no decorrer das décadas, a contenção do desgaste da Barreira do Cabo Branco ainda é uma missão tão desafiadora para a gestão pública? De acordo com Gutierrez, esta é uma discussão que precisa envolver atores sociais, desde a fase de estudo e projetos, até a execução dos serviços.

O geógrafo frisa que existem opiniões distintas sobre a interferência nesses paredões gigantes. Segundo ele, há um grupo de pessoas que entende que as falésias estão sujeitas, por exemplo, à dinâmica natural e que, portanto, os processos devem continuar a ocorrer sem a interferência humana na execução de obras para contenção da erosão.

Por outro lado, há pessoas que defendem a intervenção do

homem. "Esse grupo compreende o simbolismo da área para a cidade de João Pessoa, com a presença de construções de apelo turístico, lazer e cultural (Farol do Cabo Branco e a Estação Ciência), o que justificaria uma intervenção".

Mas, seja qual for a frente de ação, Gutierrez faz um alerta. "A governança ambiental, nos dias atuais, é fundamental". O professor ressalta que é importante conciliar o entendimento dos diversos órgãos públicos que estão relacionados a este tipo de intervenção, como os das áreas ambientais e do patrimônio histórico. O geógrafo diz ainda esse tipo de interferência necessita do licenciamento ambiental, o que exige uma cuidadosa análise dos aspectos naturais, humanos, legais, de apresentação de projetos e de recursos financeiros para a execução das obras.

Continua na página 14

Na Paraíba, a barreira do Cabo Branco tem forte simbolismo para a cidade, além de ser ponto turístico de grande importância



Essas coisas

Carlos Aranha
c.aranha@yahoo.com | colaborador

Pessoas do mesmo sexo estão casando

No longo período em que fui estudante da Ordem Rosa-Cruz (AMORC) - de 1973 a 1985 -, despi-me de alguns preconceitos e aprendi a não somente respeitar, tolerar, mas também aprofundar diálogos com católicos, evangélicos, kardecistas, umbandistas, todos os religiosos, enfim.

Hoje, cristão convicto sem ser frequentador de igrejas nem dependente de padres, pastores ou médiuns, sinto calafrios com coisas como essa da Frente Parlamentar Evangélica, que, através de um projeto do deputado federal João Campos (do PSDB de Goiás), quer legalizar a "cura" gay, como destacou em publicação da FPE na Internet. Esse deputado obscurantista foi delegado da Polícia Civil de Goiás e é pastor evangélico. **Na foto da coluna, Campos está com Bolsonaro, que é homofóbico.**

Esse projeto obscurantista quer sustar dois artigos instituídos em 1999 pelo Conselho Federal de Psicologia, proibindo emitir opiniões, publicar ou tratar a homossexualidade como um transtorno.

Mais do que um transtorno alguns evangélicos consideram-na uma doença portadora de um pecado imperdoável, a não ser que o(a) homossexual demonstre,



na teoria e na prática, que se transformou em "hétero". Tanto que um jornalista paraibano, que abandonou a profissão para fazer um curso de teologia em Pernambuco e ser pastor evangélico, chegou a me dizer, num jantar, que o único pecado que Deus não perdoa na hora da morte de alguém é o da homossexualidade. Se Deus assim fosse, não seria Deus, mas o maior dos tiranos.

A questão é que, apesar de estarmos no século 21, continuamos com um pesado condicionamento cultural-educativo, onde a heterossexualidade é a única manifestação possível e aceitável de sexo e a mulher é um instrumento passivo de satisfação

de exigências biológicas dos homens. Ou mero elemento de reprodução para garantir a existência da raça humana.

Quando um "gay" procura "tratamento" é por causa do preconceito exacerbado e das competições em profissões, ou não, do ambiente em que vive. Não é porque tenha convicção de que é pecado o gozo homossexual.

É um consenso internacional que a homossexualidade não é doença. Desde 1990 a Organização Mundial da Saúde (OMS) tirou essa orientação sexual da lista de doenças. Então está errado oferecer ou falar em "tratamento" para algo que não é doença.

Por mais que não possamos ignorar que as pessoas têm opiniões diferentes, também não é legal que se use leis para permitir o preconceito. E dizer que gays podem ser "tratados" é uma visão que entra em conflito com os tempos que vivemos.

Dá para entender porque o pessoal que luta pelos direitos dos LGBT está incomodado. Afinal de contas, até o Supremo Tribunal Federal já disse que pessoas do mesmo sexo podem se casar. E elas estão casando.

Ainda 11/9

Li "11 de Setembro e outras mentiras que nos contaram", livro do espanhol David Heylen Campos.

Minhas dúvidas sobre o ato terrorista acontecido em Nova York aumentaram.

Sugiro que leiam a obra de Campos, editada pela Universidade dos Livros, para uma melhor compreensão do mistério - se é que mistério pode ser entendido numa civilização em que espalham-se os Illuminati e outros grupos ocultos. Segue-se um trecho importante do livro.

"Durante os primeiros minutos de emissão da rede CNN, vários pilotos profissionais afirmavam que os aviões estavam sendo teledirigidos, ou pilotados por militares experientes.

"(...) o presidente Bush, em uma sessão de imprensa, comunicava que, depois dos

incidentes, se fazia necessário reforçar as cabines dos pilotos e equipá-las com um mecanismo que controlasse os aviões a partir da terra. Por que Bush falava em uma tecnologia que já existia como se fosse algo desconhecido?

"Uma infinidade de teóricos da conspiração propõe que os aviões podem perfeitamente ter sido controlados por terra após terem decolado, devido à audácia que isso significava para os pilotos.

"Essa operação poderia muito bem ter sido levada a cabo por uma conspiração com conhecimento do próprio Governo, como aponta o investigador James Petras, por um grupo de terroristas autônomos, que teriam atuado sozinhos, sem a colaboração nem o conhecimento da organização Al Qaeda".

Obras tentam barrar erosão na barreira do Cabo Branco

Projeto abrange quatro fases, que devem ser concluídas até 2021. As duas primeiras etapas estão em andamento

Alexandra Tavares
lekajp@hotmail.com

Em João Pessoa, foi posto em execução pela equipe da prefeitura um projeto para conter a erosão da barreira do Cabo Branco. As obras não foram suspensas duran-

te o período de pandemia de covid-19 por ser um serviço considerado emergencial. Segundo a Secretaria de Infraestrutura da Prefeitura de João Pessoa (Seinfra), as duas primeiras etapas deste trabalho estão em andamento. Uma delas contempla a implanta-

ção de dez novos trechos de drenagem, que irão se integrar à nova rede já existente no entorno dos bairros do Altiplano, do Cabo Branco e Seixas.

A intervenção da nova rede de drenagem disciplina o curso da água das chuvas até a praia. No momento, também

está sendo feito o enrocamento, segunda parte do projeto, que consiste na colocação de pedras para proteger a base da falésia.

A secretária da Seinfra, Sachenka Bandeira da Hora, afirmou em entrevista à imprensa, no final de junho, que

os serviços de drenagem e de enrocamento devem ser concluídos até o final de setembro.

Mas o projeto total abrange quatro fases. Ainda falta iniciar a etapa de engorda da faixa de areia e o enrocamento dentro do mar, chamado de gabião marinho. Essa parte

está em fase de licitação, e o prazo final para a entrega total da obra é 2021.

Mesmo sem o trabalho ter sido encerrado, os gestores municipais adiantam que, após vários anos, esta é a primeira obra concreta para conter a degradação da falésia.

Foto: Marcus Antoniu

+ Dinâmica da natureza

O geógrafo Henrique Gutierrez, do Laboratório de Planejamento e Gestão Ambiental (Laplag), que faz parte do Departamento de Geociências da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), afirma que, antes de se pensar na atuação humana, a constituição e evolução das falésias resultam de processos naturais. A existência desses paredões traz diversos benefícios do ponto de vista da dinâmica natural: servem de morada para algumas espécies e “contam a história” do comportamento do mar, do vento e de outros elementos costeiros ao longo das décadas.

As falésias são áreas que costumam reunir grande número de plantas e animais, acolhendo espécies da fauna e da flora. Gutierrez conta que, dependendo do substrato geológico, elas formam espaços de recarga de aquíferos (formação geológica que pode armazenar água subterrânea).

“Elas são importantes porque garantem o equilíbrio da dinâmica natural no local de sua ocorrência. Do ponto de vista humano, constituem áreas de beleza cênica e paisagística. Tanto que, em alguns locais no Brasil, estão presentes em Unidades de Conservação, a exemplo da Área de Proteção Ambiental de Tambaba (litoral Sul da Paraíba) ou no Monumento Natural das Falésias de Beberibe, no Ceará”.

Essas barreiras ainda fornecem importantes informações sobre o comportamento dos oceanos e as mudanças ambientais, tanto do momento atual, como de anos anteriores. O professor contou que os dados referentes ao passado dizem respeito ao recuo de uma determinada falésia, registrado ao longo do tempo geológico, decorrente do aumento e diminuição do nível dos oceanos.

Já as informações do momento presente apontam a velocidade média do recuo dessas barreiras, associando a geologia que as constituem, como os tipos de rochas e outros materiais geológicos. De acordo com ele, todos esses registros permitem diagnosticar o maior ou menor avanço da ação marinha, decorrente da dinâmica de alguns componentes do sistema costeiro: marés, correntes, ondas, entre outros.

As falésias ainda são responsáveis pela produção de uma variedade de acidentes geográficos por erosão e deposição. Esculpida conforme o movimento dos mares, ventos e outros elementos, elas são verdadeiros “arquivos” da natureza.



Obras na barreira do Cabo Branco preveem neste momento a drenagem e a colocação de pedras na base da falésia

SAIBA MAIS

■ Existem dois tipos de falésias: as inativas (mortas) e as ativas (vivas). A barreira do Cabo Branco, segundo o biólogo, professor e escritor Boisbaudran Imperiano, é uma falésia viva, pois continua sofrendo ação dos agentes erosivos marinhos (ventos e ondas do mar) e não apresenta fixação da vegetação. Já a falésia morta é aquela onde a vegetação conseguiu se fixar e crescer, não apresentando mais a ação das ondas e marés.

■ Também chamadas de barreiras verticais naturais, as falésias impedem o maior avanço do mar no local em que estão localizadas. Dependendo da região que se encontra, esse tipo de relevo apresenta cores distintas. Do Amapá ao Rio de Janeiro, há predomínio das barreiras avermelhadas, formadas a partir de terrenos de arenito. Já no Sul do país, são mais comuns as falésias escuras, constituída por granito. No Brasil, alguns desses paredões alcançam 20 metros de altura.

(Fonte: InfoEscola)

Toca do Leão

Fábio Mozart
colaborador

Recados de Jorge Luis Borges

Jorge Luis Borges é um poeta e contista argentino, cujo modo de pensar e de viver o torna um dos mais iluminados intelectuais do século vinte. Foi para o andar de cima em 1986.

Para aquela minha amiga cujo sonho é casar de véu e grinalda e outros atavios próprios desse ritual: “Estive casado, mas prefiro falar dos livros. Quero esquecer meus fracassos domésticos. Só posso dizer uma coisa: o casamento é um destino pobre para uma mulher”.

Para meus dois amigos poetas que fazem uma competição absurda entre si para ver quem publica mais livros de qualidade duvidosa: “A publicação não é parte necessária do destino de um escritor. A gente publica um livro para não passar a vida corrigindo rascunhos. Publico meus livros para livrar-me deles”.

Para os autores de hinos cujas letras em estilo floreado são vazias de conteúdo: “Escritos assim não têm o menor sentido. Devemos ver as coisas com nossos próprios olhos e não com os olhos de patriotas de palanque”.

Para outro amigo que gosta de Schopenhauer: “Se o enigma do universo pode ser expresso em palavras, penso que estas palavras estariam em seus escritos”.

Para aquele poeta do cavanhaque, cuja fama tem inflado muito seu ego: “Somente o fato de eu ser quase famoso demonstra que a nossa cultura está em decadência”.

Para meu amigo poeta que já foi vereador e hoje vive circulando em torno de podres poderes: “Não tenho nada a ver com políticos. Para que eles cheguem a um acordo com aquilo que chamam vulgarmente de

“massa”, os políticos devem mentir, subornar ou aceitar suborno, em outras palavras: comprometer-se. Um poeta não pode fazer isso, não deve. Ele deve aceitar seu destino como um rei antigo. Sem compromissos”.

Para Heriberto Coelho, livreiro conceituado na praça: “Sou um leitor hedonista: jamais permiti que o meu sentimento de dever interferisse em uma inclinação tão pessoal como a aquisição de livros, tampouco comprei livros grosseiramente - aos montões”.

Para meu amigo religioso: “Creio que em nosso impenetrável destino existe até mesmo a perspectiva de um Inferno e um Céu, porém acredito também que é uma irreligiosidade crer neles”.

Para mim mesmo: “Sei que sou um impostor, no sentido de que fiz

muita gente acreditar que sou um escritor. Mas não fiz isso deliberadamente. Essas pessoas, apesar do que escrevi, acreditam que eu seja um bom escritor. Sou um impostor, mas não um impostor consciente”.

Foto: USP/Arquivo



O argentino Jorge Luis Borges, um dos mais iluminados intelectuais do século 20

Relação abusiva: é preciso admitir para dar um basta

Ciúmes exagerados, chantagens e possessividade não são provas de amor; são sinais de que há algo errado

Beatriz de Alcântara
azdbea@gmail.com

**Alerta de gatilho: o conteúdo a seguir pode despertar angústia em vítimas de violência*

O Brasil é o quinto país do mundo no ranking do feminicídio. De acordo com dados disponibilizados pela Agência Patrícia Galvão, a cada nove minutos uma mulher é vítima de estupro e a cada 2 minutos uma mulher registra agressão sob a Lei Maria da Penha. Em sua maioria, os casos de violência contra a mulher partem do próprio companheiro ou companheira, dentro de relações conhecidas como "relacionamento abusivo".

Segundo a psicóloga clínica, Amélia de Cássia, classifica-se como relacionamento abusivo aquela relação em que "o abusador tem determinados comportamentos, às vezes claros de agressão com palavras e/ou de agressões físicas". A agressão com palavras pode acontecer indiretamente, se configurando como abuso subliminar. "É uma forma sutil de agressão, desvalidando a vítima, e isso se estende a todos os âmbitos, no lar, no social – muitas vezes, socialmente, ele não mostra e as pessoas nem imaginam que existe essa agressão velada. Mui-

tas vezes as palavras doem mais", afirma Amélia.

Tati Silva (nome fictício), de 24 anos, se desvencilhou de um relacionamento abusivo há seis anos. Logo que conheceu seu ex-namorado, ela conta que pensou ter ganhado na loteria de tão bom garoto que ele aparentava ser – estudioso, trabalhador, cristão; "mas infelizmente a sorte não era meu forte", conta Tati. O relacionamento durou dois anos e meio e, o que no começo eram só flores, ganharam espinhos com o passar dos meses.

"No primeiro ano ele era um amor; cuidava de mim, se preocupava, me ajudava e se dava bem com todos meus familiares. Ele conseguiu conquistar todo mundo. Depois de um ano, minhas amizades começaram a incomodar ele e eu não podia falar o nome de nenhum garoto que era motivo para discussão. Ele me afastou da igreja e de todos meus amigos. Passou a me desmotivar, dizia que eu não era inteligente o suficiente pra fazer faculdade, que eu devia passar menos tempo com minha família e mais tempo com ele – apesar de nos vermos quase todos os dias", explicou Tati.

Solidão e dor

Em todas as brigas, a jovem lidava sozinha, sem po-

der contar a ninguém o que estava acontecendo. "Achava que tudo aquilo era amor. Se ele gritava comigo porque alguém olhou diferente pra mim, era porque ele me amava. Ele só estava cuidando do que era dele – sim, era o que ele me dizia, como se eu fosse um objeto; ninguém sabia o que eu vivia. Então, quando decidi terminar todos ficaram contra mim. A pior lembrança que tenho depois do término foi a minha família dizendo que eu nunca conseguiria alguém melhor que ele", desabafou Tati.

Quando o ex-namorado falou em casamento, Tati percebeu que não poderia se submeter mais àquilo. "Eu comecei a imaginar como seria estar casada com um homem que gritava comigo, me controlava e não deixava que eu fosse eu mesma. Pensei se quando tivéssemos casados, se ele não poderia fazer algo pior comigo. Na época, não se discutia sobre abuso emocional. Ele nunca me bateu, então eu achava que ele nunca tinha abusado de mim. Quando terminei, ele passou a me seguir. Ligava perguntando onde eu estava, colocou meus vizinhos para me vigiar. Passei três meses assustada, em todo o lugar que ia, achava que ia encontrá-lo", disse ela.

Foto: Arquivo pessoal



A psicóloga Amélia de Cássia diz que agressões veladas, doem mais. "É uma forma sutil de agressão, desvalidando a vítima, e isso se estende a todos os âmbitos", explica



Nem só agressão física machuca

Foto: Marco Pimentel



A secretária Lidia Moura ressalta a importância do apoio da família e dos amigos à vítima de agressão

Assim como o relacionamento que Tati Silva passou, muitas mulheres acreditam que o relacionamento só se configura tóxico quando existe agressão física. De acordo com a secretária de Estado da Mulher e da Diversidade Humana, Lidia Moura, a vítima pode identificar uma relação abusiva "a partir do momento em que a relação é de possessividade, ciúme, chantagens, mania de superioridade, punição e as promessas de que irá mudar, mas repete as mesmas atitudes sempre".

Vizinhos, familiares e amigos podem auxiliar "acolhendo a mulher, para que ela se sinta segura e, também, mostrando que o que acontece no relacionamento é agressão. Explicando que todo relacionamento em que há controle, manipulação e ameaças por parte de um dos dois é abusivo", explicou Lidia Moura.

Stefani Gonçalves (nome fictício), 24 anos, também passou por um relacionamento abusivo que durou três anos. O padrão do abusador se repete e, durante o primeiro ano de namoro, o ex-namorado de Stefani também se comportava como um príncipe. "No segundo ano, as coisas foram mudando, ele me cobrava que correspondesse às mesmas expectativas dele, me chama-

va de fria e disse que não terminaria para me dar uma chance. Foi quando tudo mudou", afirmou a jovem.

Dependência emocional e afastamento familiar foram algumas das consequências da mudança no relacionamento. "Além disso, eu notava descaradamente o desinteresse dele na relação. Comentava nas fotos das exs, tinha flertes escondidos com outras garotas. Enquanto isso, eu achava que o erro estava em mim por cobrar demais, ser ciumenta demais, possessiva, grudenta e não saber serviços domésticos. Mas aí que era o problema quando tínhamos conversa de término ele chorava e dizia: "Não me deixa fazer isso". Novamente, a responsabilidade da relação em cima de mim, pois eu teria que convencê-lo a não terminar e me comportar como uma boa pessoa", afirmou Stefani.

Livrar-se de uma relação abusiva não é fácil, o processo é doloroso e é necessário que as vítimas tenham uma rede de apoio e acompanhamento psicológico para aprender a ressignificar a dor, como destaca a psicóloga Amélia de Cássia. Muitas vezes esse processo de quebra de vínculo com o abusador não parte da vítima – que tende a demorar a perceber que está em um ambiente abusivo.



Acolhimento e apoio às mulheres

Na Paraíba, existe uma rede de atendimento voltada para o acolhimento de mulheres em situação de vulnerabilidade, como nos casos de relacionamentos abusivos. Segundo a promotora do Ministério Público Estadual, Rosane Araújo, essa rede é composta por entidades do Estado e da sociedade civil organizada, dentre elas, a Delegacia da Mulher, o Ministério Público (Promotoria de Defesa da Mulher), Poder Judiciário (Juizado de Violência Doméstica contra a Mulher), Secretaria Estadual da Mulher e da Diversidade Humana e as secretarias municipais, OAB, Defensoria Pública, Centro de Referência da Mulher, Casa Abrigo, Patrulha Maria da Penha, Honda Maria da Penha, dentre outros serviços. "Canais como os telefones 180, 190 e 197 também auxiliam

em casos de denúncias de violência doméstica, seja ela qual for", pontua.

Nesses tempos de pandemia, em que a quarentena pôs muitas mulheres em convivência integral com seus abusadores/agressores e potencializou conflitos, existem serviços da Rede Estadual de Proteção à Mulher disponíveis para as vítimas:

■ Delegacia on-line (<https://www.delegaciaonline.pb.gov.br/pages/assistente/pessoa/assistente-violencia-domestica.xhtml>)

■ Plantão 24h da Delegacia da Mulher na Central de Polícia, localizada no Ernesto Geisel

■ Ministério Público através da Promotoria de Justiça da Mulher recebendo denúncias pelo e-mail promotoria.mulher@mppb.mp.br e telefone (whatsapp) 83 99168-3629.

Foto: Arquivo pessoal



A promotora Rosane Araújo lembra que há vários canais para que a mulher agredida possa fazer a denúncia

Curso de agronegócio leva desenvolvimento ao Sertão

Estudo, somado a agropecuária tradicional, forma a equação promissora de soluções para a convivência no Semiárido

Márcia Dementshuk
Especial para A União



Juru é um município típico do Alto Sertão paraibano, com não mais de 10 mil habitantes. O maior fluxo de movimento inicia na Igreja de Santa Terezinha do menino Jesus e desce pela avenida principal, cortada por um largo canteiro com jardins bem cuidados e bancos que acolhem os moradores nos finais de tarde. Vai até fundir com a PB-306, que leva a Tavares, quase divisa com Pernambuco. Este cenário, conservado na memória do juruense Jean Francisco Pereira Gama, permanecia praticamente inalterado quando ele retornou ao município 11 anos depois de sair para estudar. A novidade ele trazia consigo, a perspectiva de difundir ali as técnicas de agronegócio - somadas ao conhecimento da agropecuária tradicional, forma a equação promissora de soluções para a convivência no Semiárido.

No ano passado, em 2019, a Escola Estadual Cidadã Integral (ECI) Arlinda Pessoa da Silva, em Juru, incorporou a modalidade de ensino técnico e passou a oferecer aos estudantes de Ensino Médio o Curso Técnico em Agronegócio. Ao primeiro anúncio de transição, pais e estudantes relutaram: "Isso é coisa de roça. Não vou estudar pra pegar enxada".

A rejeição deixou Jean



Fotos: Divulgação

Escola Estadual Cidadã Integral Arlinda Pessoa da Silva, em Juru, passou a oferecer aos estudantes de Ensino Médio o Curso Técnico em Agronegócio

Gama apreensivo, mas não o assustou; ele seria o coordenador do Curso Técnico em Agronegócio. Zootecnista, técnico extensionista, pesquisador, consultor e empreendedor, Jean estava às portas de iniciar um novo desafio em sua carreira, a de professor. Depois de estudar e trabalhar em diversos estados brasileiros ele retorna à terra natal com o propósito de compartilhar sua experiência. Sua segurança vinha da certeza de que os conceitos de agronegócio e sustentabilidade, adaptados à realidade local, deveriam transformar a primeira impressão da comunidade. Foi o que aconteceu. Um mês de aula foi suficiente para descortinar as

oportunidades do agronegócio aos estudantes; bastou saberem que o conhecimento estava além da roça e da enxada.

"Havia demanda na região por conhecimentos nesta área para a utilização de recursos naturais do Semiárido. Aqui há muitas plantações de batata doce e maracujá. O agronegócio é muito mais do que se entende pela mídia; agricultura familiar também é agronegócio."

"Quando se discute agricultura em termos de Brasil fazemos projeções visando o Nordeste como uma futura potência na agricultura mundial. Temos o sol o ano inteiro, temos a água - não distribuída equitativamente, mas o semiárido bra-

sileiro possui maiores índices de chuva no mundo, com média de até 800 milímetros por ano. O problema é que estamos perdendo em tecnologia e pesquisa. Sabemos que em países como Israel, onde o bioma é bem mais severo que o nosso, há soluções em tecnologia que temos plena capacidade de adaptar para nossa região. O desafio na ECIT Arlinda Pessoa da Silva é levar esse entendimento para o aluno e para a comunidade", argumentou Jean Gama.

As primeiras aulas de 2019 foram expositivas e preparatórias. Logo em seguida, os estudantes se surpreenderam com visitas de profissionais em agronegócio, especialistas

e agricultores, interagindo na escola.

Parceria com o Insa

Entre os especialistas que estiveram na escola, a visita dos pesquisadores do Instituto Nacional do Semiárido (Insa), Geovergue Rodrigo de Medeiros e George Vieira superou as expectativas. Ainda contando com o apoio de pesquisadora Juliene Araújo, também do Insa, o instituto foi parceiro na organização do I AGROECIT e a I Jornada de Minicursos com o tema "Semiárido Produtivo: convivendo com a inteligência", um evento realizado em 30 de outubro, promovido em pela escola, para estudantes e ab-

to para agricultores e parceiros de toda a região.

Além do aprendizado, destacou-se o empenho dos colegas do 2º e 3º anos na preparação do evento. "Eles fazem parte das últimas turmas antes de implementarmos o Ensino Médio técnico. Eles não têm as mesmas disciplinas que nós, mas estudam conforme a pedagogia das Escolas Cidadãs Integrais, cujo principal foco é o protagonismo", explicou Jean Gama.

"Pesquisadores de várias áreas do Insa foram para o AGROECIT e testemurhamos o sucesso", disse Geovergue Medeiros. "Abordamos temas como produção animal, agricultura familiar, irrigação, sistemas de recursos hídricos, desertificação, entre outros. A partir disso, vimos a necessidade de formularmos uma parceria oficial com a escola, pois é necessário, principalmente, fazer pesquisas com a água, precisamos saber o grau de salinidade para tornar possível a irrigação."

A parceria com o Insa rendeu mais frutos. Em março deste ano a Eci Arlinda Pessoa da Silva e o Insa firmaram um Acordo de Cooperação Técnico-Científica "para a promoção de trabalhos de pesquisa, desenvolvimento, inovação, formação, disponibilização de recursos humanos, compartilhamento de laboratórios e articulação institucional, visando à geração e transferência de tecnologias e informações que promovam o desenvolvimento econômico, social e ambiental do Semiárido Brasileiro".

Diversidade natural revela a riqueza e o potencial econômico da região

Geovergue Medeiros, coordenador do Núcleo de Produção Animal no Insa, lembrou do retrato o Nordeste na mídia da década de 1980. Ele citou uma reportagem da revista Veja que marcou-lhe a juventude, carregada de iconografia da seca, da morte, do flagelo. Precisamente, a edição do dia 18 de março de 1981, trouxe a reportagem de capa assinada por Marcos Sá Correa, "Os sertões do nordeste morrem de sede". Uma das matérias revelava no título:

"Tentando vencer a maldição do dinheiro perdido - Não é só a seca que assusta o nordeste - mas a imagem de região sem futuro, onde é inútil investir".

O Governo Federal considerava "um mau negócio aplicar no nordeste"; e empresários "acreditavam achar muito melhor o governo aplicar em regiões desenvolvidas, triplicar o investimento e, com as sobras, ajudar o nordeste". Isso nas palavras do então governador Tarcísio Burity,

que disse ouvir tais alegações de empresários nordestinos.

"O Semiárido era visto como a região pobre, de retirantes, onde há seca, vegetação espinhosa e nenhum potencial econômico. Essa é uma visão totalmente distorcida", diz Geovergue. "Aprendemos com a vegetação da caatinga a rica diversidade de plantas com potencial para a produção de fármacos, cosméticos, defensivos e alimentos, tanto para humanos quanto para animais; pecuária

caprina e bovina, criação de pequenos animais, como abelhas, produção de frutas - atividades econômicas que promovem o desenvolvimento. E não podemos esquecer que, onde falta água, sobra luz, fonte de energia renovável".

Para o pesquisador, há desafios a serem alcançados como o desenvolvimento de políticas públicas direcionadas, melhorias do nível de educação contextualizada da população; a redução

de impactos ambientais, o que provoca a desertificação e a necessidade de recuperar áreas degradadas. E ainda, melhorar a qualidade da água de consumo humano. As ações integradas de ONGs, governos, instituições de ensino e pesquisa, iniciativa privada, devem estar voltadas para desenvolver a pesquisa, o emprego de tecnologias, a inovação, a formação, difusão e construção do conhecimento para o desenvolvimento sustentável no Semiárido.



Estudantes do Ensino Médio identificam oportunidades de transformação

Hoje no segundo ano do Ensino Médio, os estudantes da ECIT Arlinda Pessoa

da Silva se apropriaram do conhecimento em agronegócio e identificam possi-

bilidades de melhorar as atividades rurais executadas pelos familiares. Eles ainda

encontram barreiras na tradição das técnicas antigas, transmitidas por antepassados, e procuram conciliar a tecnologia ao conhecimento tradicional.

dos, e procuram conciliar a tecnologia ao conhecimento tradicional.

Gabriel Batista - 18 anos

"A agricultura familiar é uma das principais fontes de renda na nossa região, por isso o agronegócio é tão importante. Quando nos aprofundamos no curso vemos quantas oportunidades temos, principalmente porque podemos permanecer trabalhando aqui. Eu pensava que agricultura era cavar um buraco na terra, colocar a semente e tapar. É muito mais, envolve adubação, nutrientes; todo o processo de cultivo do começo ao fim da colheita; administração, uma boa gestão; anotação das perdas e o que se pode melhorar no próximo plantio. Os agricultores aqui não aplicam isso, mas vemos que, se aplicassem, a produção poderia ser maior."



Beatriz de Souza Lopes - 16 anos

"Eu moro na zona rural, cerca de 18 km de Juru. Quando soube deste curso me retrai. Não queria fazê-lo. Um mês depois, mudei minhas impressões quando percebi a real importância do agronegócio. Vai além do que eu imaginava. O que mais me atraiu foram as aulas práticas, as palestras de profissionais e o AGROECIT. Aprendi técnicas agrícolas que melhorariam a produção de milho e feijão do meu pai; apresentei a ele as novidades, mas ele disse que trabalha como seus pais trabalhavam. Eu quero mostrar a ele na prática. O importante é que ele me apoia e reconhece a importância da escola."



Kathleen Leite Gomes - 17 anos

"Eu sabia que seria um curso que viria para mudar muita coisa, abrir a mente das pessoas e ver a agricultura de um jeito diferente. Isso porque eu busquei informações sobre o curso, antes de começar. Mas superou as minhas expectativas. É uma área que abrange tecnologia, empreendedorismo, administração. Eu quero me formar em medicina veterinária e vejo que o que eu aprendo aqui está relacionado à profissão. O AGROECIT foi um evento que eu nunca imaginei que fosse realizar, nem participar! Foi impressionante. Pude ver que todos podem trabalhar juntos e aprender mais com a prática."



Luana Pereira Alves - 16 anos

Praticamente toda a minha família trabalha no campo. Depois que as aulas começaram vi que tem uma infinidade de coisas que precisa fazer na atividade agrícola e também observei que os agricultores aqui não usam. Preferem fazer o que aprenderam com os antepassados. Se aplicassem, a produção seria muito mais vasta; em relação ao período chuvoso e a seca, muitas pessoas perdem produção, o que poderia ser evitado. Aprendemos o que pode minimizar a perda, como o plantio direto. É comum aqui queimar o solo para plantar; mas se deitar a folha do milho no solo, por exemplo, quando chover essa folha vai dificultar a evaporação da água e água é o bem mais precioso para a agricultura."





Arte: Tonio

Arte: Reimund Bertrams/ Pixabay

Fotos: Arquivo de família

Um "império" cinematográfico em território paraibano

No início do século 21, o dinamarquês Einar Svendsen, radicado na capital, implantou as primeiras casas de exibição da PB

Lucilene Meireles
lucilenemeirelesjp@gmail.com

As salas de cinema atuais são espaçosas, confortáveis, climatizadas, contam com telas gigantes que oferecem alta qualidade de som e imagem, além de efeitos cada vez mais avançados. A indústria cinematográfica trabalha, incansavelmente, na produção de filmes e na construção de novos espaços para exibição. Mas, para chegar a esse patamar, a Paraíba contou com a iniciativa de um certo dinamarquês de sobrenome Svendsen – Einar – que, em maio de 1911, ainda adolescente, “adotou” de coração o nosso Estado e trouxe para cá o que havia de mais novo na área.

“Meu avô não fez cinema, mas trouxe a tecnologia e o cinema para cá”, destacou o artista plástico Fred Svendsen, neto do famoso Einar. Quando Svendsen – o avô – aportou no Brasil, em 1893, passou anos em Pernambuco, onde exerceu várias profissões, até adotar a Paraíba como recanto para viver no país. Pioneiro na implantação de uma sala de exibição no Estado, ele foi também o primeiro a expandir estas casas para outros municípios fora da Capital, como Campina Grande, e até para o Rio Grande do Norte.

Nascido em Copenhague

(capital da Dinamarca), Einar chegou ao Brasil em 1897, quando tinha apenas 15 anos, como conta o neto do exibidor e artista plástico Fred Svendsen. Na Paraíba, foi contratado como guarda-livros da fábrica de cigarros Tabacaria Peixoto. Depois, ao se estabelecer por aqui, Einar trabalhou nas firmas Vergara & Cia e Moreira & Companhia, de acordo com informações contidas no livro ‘O discurso cinematográfico na/da Paraíba’, escrito pelo pesquisador e jornalista Willis Leal, já falecido.

Em parceria com o italiano Stefano Conte, fundou a Empresa Cinematográfica Paraibana com a ideia de alugar filmes e exibi-los para a Paraíba, Pernambuco e Rio Grande do Norte. Além disso, a empresa tratava de outros aspectos ligados ao entretenimento da população, como a contratação de mágicos e artistas.

“A grande contribuição é isso: meu avô foi o pioneiro do cinema paraibano. Não fez cinema, mas trouxe o equipamento, a tecnologia, a casa de espetáculos para João Pessoa, as máquinas a carvão. Essa era a grande novidade ainda na época do cinema mudo. Einar Svendsen é, para o cinema, o que Assis Chateaubriand representa para a televisão. Chatô trouxe a televisão para o Brasil”, destacou Fred Svendsen

+ Diversão e informação

Einar Svendsen era o proprietário da Empresa Cinematográfica Paraibana que atuou na difusão de filmes e o principal cinema dele foi o Rio Branco. “Empresário do cinema, Svendsen tinha, assim como outros exibidores, uma importância muito grande na difusão do cinema e na inserção social nas cidades. Com sua atuação, as salas de cinema passaram a ser pontos de confluência das pessoas, eram locais de encontro”, comentou Fernando Trevas Falcone, coordenador do curso de Cinema e Audiovisual da Universidade Federal da Paraíba (UFPB).

Ao chegar no Brasil, o empreendedor Einar Svendsen fazia parte de um grupo de imigrantes europeus responsáveis pelo início da difusão do cinema no país. “Na Paraíba, havia franceses, italianos, como Nicola Maria Parente, responsável pela primeira exibição de filmes na Festa das Neves, onde hoje é o Shopping Terceirão, em 1897”, contou Falcone.

No grupo de Einar, havia portugueses, italianos e ele, dinamarquês. “Atuou muito nas décadas de 1910 e 1920, sobretudo. O cinema principal dele, o Rio Branco, tinha muita influência e foi responsável, assim como outras salas pioneiras, pela formação de público”, afirmou. “É importante lembrar que estamos falando das primeiras décadas do século 20, quando ainda não havia rádio. A Rádio Tabajara, por exemplo, só foi inaugurada em 1937. Então, o cinema era a principal diversão e informação, além dos jornais impressos, ainda mais com a riqueza do cinema”, completou.

+ Mais de 50 salas de cinema em todo Estado

Foto: Arquivo de família

As casas de exibição de Einar na Paraíba se espalhavam para além das fronteiras da capital, conforme relatou o jornalista Wills Leal em seu livro. Ele tanto construiu como adaptou casas, transformando-as em salas para a exibição de filmes, em municípios como Santa Rita, Bayeux e Campina Grande.

Além de ter seus próprios espaços nessas cidades, Einar ainda alugava filmes para, aproximadamente, outras 50 salas. Ele também foi responsável por introduzir os filmes noruegueses na programação de cinema local, oferecendo assim outras opções além das produções francesas e italianas, em alta no mercado da época.

Doação de terrenos

Nos tempos áureos, aproveitou o sucesso para investir também em terras. Comprou muitas e tornou-se “dono” do bairro de Jaguaribe inteiro. O terreno onde hoje funciona o Instituto Federal da Paraíba (IFPB) foi doado por ele. Era a antiga escola industrial, como relatou Fred Svendsen. Fundou a Loja Maçônica Frei Caneca, doou terreno para construção da Praça dos Motoristas. Oitenta por cento da Mata do Buraquinho pertenciam a ele e foi preciso vender, por volta de 1930, porque não havia condições de manter, nem vigiar.

“A primeira locadora de filmes, na Paraíba, foi a locadora do meu avô, que ficava na Avenida Maciel Pinheiro. Ainda era o cinema mudo, naquelas latas. O Cine Rex, que está intacto, preservado pelo patrimônio histórico, foi ele quem construiu. Em João Pessoa, foram ainda o Rex Astoria, Metrópole, Felipéia, Santo Antônio, São Luiz, São Pedro. Em Campina Grande, o Capitólio e o Metrópole. Todos foram dele em João Pessoa. Foi o primeiro a trazer essa cadeia de cinema. Era o cineteatro. Tinha show, teatro, espetáculos em geral. Contribuiu muito para o engrandecimento da cidade”, afirmou Fred.

Títulos

Fred ressaltou ainda o papel importante de seu avô foi para a vida econômica da Paraíba em meados do século passado. “Ele foi um vulto histórico muito importante na Paraíba. Era Cônsul da Dinamarca em João Pessoa, diplomata. Implantou muitas indústrias e empresas por aqui. Em 1930, já anunciava os filmes n’A União, que era o jornal mais importante da época”, relatou Fred.

Na Paraíba, Einar Svendsen recebeu o título de comendador. Ele também foi cônsul da Noruega, chegando a ser condecorado pelo então Rei Ha-



Cine Rex ficava localizado na esquina da rua Duque de Caxias com a Peregrino de Carvalho



Cine Brasil, localizado na descida da avenida Guedes Pereira, também foi implantado por Einar Svendsen

akon II. Fred Svendsen acrescentou que o avô recebeu ainda o título de cidadão pessoense, numa proposta de Damásio Franca e do Rotary Clube da Paraíba, associação da qual foi fundador.

Guerra e falência

Apesar de ter sido bem sucedido nos negócios, Einar faleceu com poucos recursos, de acordo também com o livro escrito por Wills Leal. Nos anos 30, com a aproximação da Segunda Guerra Mundial, começou a entrar em falência. Nesse período, seu escritório chegou a ser saqueado e ele foi acusado de ser um espião alemão. “Eu era criança e lembro muito pouco, mas ele contou que seu escritório foi incendiado por pensarem que ele era alemão”, disse Fred Svendsen. Assim, os investimentos de uma vida inteira

foram reduzidos a uma pequena empresa para aluguel de filmes.

No livro ‘O discurso cinematográfico na/da Paraíba’, Wills explica que houve comemoração pelos 50 anos da radicação de Einar na Paraíba, em maio de 1960. Porém, ao falecer, o exibidor não recebeu homenagens durante o seu sepultamento nem registro nos diários noticiosos. Morreu aos 86 anos e seis meses, em 1968, meio século depois de sua chegada em terras paraibanas. Einar teve complicações decorrentes de um atropelamento de automóvel que ocorreu em pleno Ponto de Cem Réis, no Centro da Capital. Passou seus últimos dias no Asilo do Bom Pastor, ao lado da esposa e recebendo sempre a visita de seus sete filhos.

VOCÊ SABIA?

■ **Patrono na Academia Paraibana de Cinema** – Einar Svendsen é patrono da cadeira nº 6 da Academia Paraibana de Cinema (APC), hoje ocupada pela presidente da entidade e atriz Zezita de Matos.

COM O CHEF **WALTER ULYSSES**

Walter Ulysses - Chef formado no Curso de Gastronomia no antigo Lynaldo Cavalcante em (João Pessoa) e tem Especialização na Le Scuole di Cucinadi Madrid. Já atuou em restaurantes de diversos países do mundo, a exemplo da Espanha, Itália, Portugal e Holanda. Foi apresentador de programas gastronômicos em emissoras de TV e rádio locais e hoje atua como chef executivo de cozinha na parte de consultorias.

@waltinhoulysses
chefwalterulysses@hotmail.es

Fotos: Oscar Nord/Unsplash



QUENTINHAS

- Taeg tem como premissa oferecer as melhores opções de produtos para quem busca uma vida saudável por meio de uma alimentação balanceada. Para aqueles que, além desse cuidado com o que consome, também têm uma rotina de atividades físicas, a marca exclusiva das redes Extra e Pão de Açúcar acaba de lançar barrinhas de amendoim, que são opções de lanches rápidos e saudáveis, e também as pastas de amendoim, que servem como complemento para as refeições de quem realiza treinos físicos com frequência.

- A variedade de vinhos possibilita sua harmonização com diversas receitas, mas sua combinação com queijos é um clássico e é muito bem-vinda. Para ajudar os clientes na escolha dos melhores rótulos e marcas para degustar no conforto do lar, até 15 de julho, as unidades do Extra Hiper realizam o Especial Melhor da Estação: Queijos e Vinhos, contando com ofertas em rótulos de vinhos safras de diferentes nacionalidades e intensidades, como chilenas, argentinas, espanholas e brasileiras, além de queijos.

- A Cozinha com Afeto o sabor da comida capixaba em nossa capital está com um delivery de um cardápio super especial. Com feijão tropeiro, empadão, além de comidas tradicionais e especiais de seu cardápio como salpicão, lasanha, kibe e um delicioso pavê de amendoim com doce de leite. Seu Instagram @artecapixaba_ Contato: 98211-3631

- A Pizza do Pedaco chegou agora e já está ganhando o paladar do público que aprecia uma boa pizza em João Pessoa, além de produtos de qualidade a massa é deliciosa e de uma pegada pessoal, com equilíbrio próprio. E olha que ela abriu em meio a toda correria da pandemia e está o maior sucesso. Seu Instagram @pizzado.pedaco Contato: 98834-1376

Luz no fim do túnel!

Muito se fala na reabertura dos negócios gastronômicos, e não tem sido fácil a expectativa dos empresários do ramo.

Mas o que temos visto no mundo todo é uma reabertura e um retrocesso muito rápido, e eu acredito que aqui no Brasil não será diferente de nenhum outro país.

E toda reabertura requer um investimento de muitas coisas. Empresas que não tiveram o sistema de delivery perderam tudo que tinham, e terão que começar do zero. Muitas delas não terão esse gosto de reabrir, infelizmente, pois tiveram que fechar as portas, não aguentaram o desequilíbrio financeiro que a pandemia causou em muitos.

Alguns reinventaram, modificaram, reajustaram preços e mesmo assim o barco afundou. Eu como colunista de gastronomia e chef de cozinha fico muito triste, e

ainda sei que muitos ainda não vão aguentar por mais um mês para frente.

A tão esperada luz no final do túnel não tem sido vista. Expectativas foram geradas, mas a frustração de não ver a coisa acontecer está sendo maior que tudo. A esperança é na vacina que está sendo estudada e seus resultados perante todo mundo.

Passar por muitos lugares aqui em nossa Capital é de cortar coração. Ver os números de pequenos empreendedores locais que nem a placa está mais no lugar, e saber que não conseguem mais voltar a reabrir pois geraram dívidas maiores, até para aqueles que tentaram sobreviver, pois tiveram um investimento e não houve o retorno esperado.

São muitas perguntas com tão poucas respostas neste momento. Sabemos que isso irá passar um dia, mas esse dia ninguém sabe qual será e tem gerado em muitos angústias, desespero, medo... e para piorar temos um governante no país totalmente desprepara-

do para tudo e agora, em especial, este momento que estamos todos passando.

Toda semana fico imaginando o que escrever, e o que mais quero é trazer uma novidade boa, uma novidade que possa acrescentar no seu negócio, e isso não tem sido fácil. O que posso te falar é que neste barco estamos todos, e temos que remar em uma direção, esperar por socorro jamais.

Veja a luz no final do túnel em seu negócio. Saiba rever tudo aqui que não gerou lucro, mas teve sobrevivência em pagar as contas e não fechar no vermelho. Se não está fechando a conta, dê mais um passo de rever o tipo de produto que está trazendo para seu consumidor, baixe valores para que sua venda final seja maior e bata sua meta.

Sei que não é fácil para ninguém, mas acredite que tudo isso vai passar e aquele que sobreviver é porque está vendo a luz no final do túnel.

Seja firme!

PRATO DO DIA

Kitute à moda do Chef

Ingredientes

- 1 lata de kitute
- 2 ovos
- 3 colheres de sopa de qualhada
- 1 colher de chá de manteiga da terra
- Sal e pimenta do reino a gosto
- 2 colheres de molho de tomate

Modo de preparo

Em um local apropriado para bater com um garfo junte os ovos, a qualhada, o sal e a pimenta do reino e bata bem com um garfo, reserve.

Abra a lata do kitute e esmague toda a carne com um garfo. Em seguida, em uma frigideira antiaderente, coloque a manteiga, espalhe o kitute por toda a frigideira e coloque o batido primeiro sobre a kitute, tampe e deixe por, aproximadamente, cinco minutos em fogo baixo.

Em seguida, acrescente o molho de tomate, espalhando por sobre o preparo. Tampe novamente e aguarde por mais dois minutos.

Em seguida, sirva acompanhado de um bom cuscuz.



Foto: Arquivo Pessoal



Fiambre é um produto obtido pela cozedura de carne de porco curada, seja simples ou processada, que se serve frio em sanduíches, cortado em fatias finas, ou também usado em diversos pratos. É uma palavra adotada do espanhol, onde significa qualquer tipo de produto de carne preparado para ser consumido frio; nessa acepção, inclui todos os produtos de carne curada, incluindo o próprio presunto, os enchidos e outros produtos de salchicharia (equivalente a frios ou "carnes frias"). Em português, também se usa esta palavra para a carne condimentada e cozida de outros animais, como galinha e peru, ou mesmo para produtos de origem vegetal que se podem considerar comparáveis a um fiambre. No Brasil, também se usa esta palavra para o conjunto dos alimentos frios, geralmente de carne, que se preparam para uma viagem.